



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Daniel dos Reis Nunes

A arte como veículo para o ensino e aprendizagem da História

Uma experiência pedagógica com Banda Desenhada

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Sara Marisa Graça Dias Carmo Trindade e pela Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

A arte como veículo para o ensino e aprendizagem da História
UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM A BANDA
DESENHADA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A arte como veículo para o ensino e aprendizagem da História
Subtítulo	Uma experiência pedagógica com Banda Desenhada
Autor/a	Daniel dos Reis Nunes
Orientador/a(s)	Sara Marisa Graça Dias Carmo Trindade Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Júri	Presidente: Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá Vogais: 1. Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes 2. Doutora Sara Marisa Graça Dias Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Data da defesa	10- Dezembro-2020
Classificação do Relatório	16 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Ao Vladimiro Vale, como diria o nosso José: “pelo apoio solidário que contamos em todos os momentos”. Pelas tuas canetas e o teu traço neste nosso/teu trabalho.

Ao Ricardo Vicetro pelo seu rato de computador, em mais um trabalho neste nosso caminho.

À Laura, ao Diogo.

À minha mãe.

“Por isso na beleza do dia Pirulito olha para o céu com os olhos crescidos de medo e pede perdão a Deus tão bom (mas tão injusto também...) pelos seus pecados e os dos Capitães da Areia. Mesmo porque eles não tinham culpa. A culpa era da vida...”

— **Jorge Amado, Capitães da Areia**

A arte como veículo para o ensino e aprendizagem da História.

Daniel dos Reis Nunes

Resumo: A sociedade moldou-se desde sempre a códigos visuais na tentativa de facilitar o seu dia a dia. No entanto, o mundo de hoje vive mais atrelado que nunca a uma cultura de imagem de percepção rápida e imediata: códigos, cores ou logótipos. É desta forma que a Banda Desenhada contribui como uma ferramenta de aprendizagem relevante do ponto de vista de conjugar a imagem com a mensagem. Embora poucas vezes usada no ensino, o que se pretende neste trabalho é mais que isso. Num grupo de alunos entre os treze e os dezasseis anos com vincadas dificuldades, a estratégia pedagógica apresentada não tem só como objetivo a aprendizagem e o uso de um recurso, mas sim a construção e a criação do próprio recurso pedagógico. Desta forma, baseado na experiência da aula oficina, aliado a uma construção de narrativa, os resultados deste trabalho foram bastante positivos, tanto ao nível do autoconceito académico como de assimilação, motivação, construção e aprendizagem, confiança, relação com colegas tal como nível da aquisição de conteúdos como fica demonstrado na análise de resultados. Este estudo é concretizado na busca de novas estratégias de aprendizagem que reforcem a participação dos alunos e a sua responsabilidade na sala de aula. Foi assim possível verificar a validade desta estratégia que colocou alunos a criarem os seus próprios recurso pedagógicos como o caso de um livro de Banda Desenhada que transmite os conteúdos do 9º ano de escolaridade mostrando assim que esta é uma opção válida no desenvolvimento de competências.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem da História; Banda Desenhada; Competências de Aprendizagem; Construção Narrativa; Aula-Oficina.

Art as a vehicle for teaching and learning history.

Abstract: Society has always moulded itself to visual codes in an attempt to facilitate day to day life. However, in today's world, lives are tied more closely than ever to an image culture of fast and immediate perception: codes, colours or logos. It is in this way that Comic Strip books contribute as a relevant learning tool, from the perspective of combining the image with a message. Even though it is very seldom used in teaching, what is sought in this study is more than that. In a group of students with ages ranging between thirteen and sixteen years old, with discernible difficulties, the pedagogical strategy here presented did not solely aim at learning and using a resource, but at building the pedagogical resource itself. Therefore, grounded on a workshop-class experience, combined with a narrative construction, the results of this work were markedly positive, both in terms of academic self-concept, assimilation, motivation, construction and learning, confidence, relationship with peers as well as the level of content acquisition, as the outcome analysis demonstrates. This study aims at contributing to the search for learning strategies that reinforce student participation and their accountability in the classroom. It was for that reason possible to verify the validity of this strategy that allowed students to create their own pedagogical resources, such as the case of a Comic Strips book that conveys year 9 content, hence demonstrating its efficacy in the development of students' skills.

Keywords: Teaching-Learning of History; Comic Strips; Learning Skills; Narrative Construction; Classroom-Workshop.

ÍNDICE

1- Introdução	1
2- O Estágio Pedagógico: contexto e percurso formativo	4
2.1. Contexto Escolar	5
2.2. Caracterização das Turmas	6
2.3. Organização e funcionamento do Núcleo de Estágio	7
2.4. Atividades do Núcleo de Estágio	8
2.5. Percurso Formativo	10
3- A Banda desenhada na Educação	13
3.1. A Banda Desenhada	13
3.2. A Banda Desenhada em Portugal	15
3.3. A Banda Desenhada enquanto estratégia pedagógica	17
4.1. Aula Oficina	22
4.2. Construção de narrativas	24
5- Metodologia	28
6- Análise do processo de implementação do projeto: o impacto no processo de ensino- aprendizagem	33
6.1. Análise de resultados	34
Questionário I	36
Questionário II	37
7- A construção do Livro/ <i>ebook</i>	40
7.1. O impacto do ensino digital na consecução do projeto	45
7.2. Sugestões para futura implementação	47
8- Conclusão	50
Referências	52
Anexos	59

1- Introdução

O desenvolvimento social impulsiona profundas alterações no ensino e, por outro lado, o ensino contribui para o desenvolvimento social. No entanto, nesta relação dialética, a velocidade com que acontece nos dias de hoje é assustadoramente rápida. O mundo tem apresentado alterações significativas e velozes, tão velozes que por vezes se torna difícil de acompanhar até para gerações mais novas estas atualizações.

As novas tecnologias, internet, aplicativos para *smartphones*, *tablets*, novas formas de comunicação, ferramentas, entre outros, fazem já parte do ADN da maioria dos estudantes do nosso país. Estas novas ferramentas contribuem para que a informação circule rapidamente entre os mais diferentes indivíduos nas suas mais dispersas geografias. Estes estudantes, de geração para geração, apresentam significativas diferenças e novidades mais inovadoras quanto ao uso destas novas ferramentas digitais, mas vários grupos de alunos, por diversas razões vão também deixando de acompanhar e ficando, dessa forma, para “trás”, distanciando-se desse mundo.

A procura de novas ferramentas e métodos pedagógicos são uma constante para quem, de uma forma ou de outra, trabalha no ensino. Os desafios prementes de um mundo em mudança acelerada, colocam os docentes, muitas das vezes, numa busca imperativa de se reinventarem sob o risco de perderem a atenção e a capacidade de lidar com os alunos. Assim, sentem como necessária a procura de novas formas de captar a atenção e o desenvolvimento de técnicas e ferramentas que facilitem a aprendizagem, que agucem a motivação, que combatam o desinteresse e a indiferença perante técnicas menos dinâmicas ou repetidas. Isto não significa ter de recorrer sempre à última novidade tecnológica.

No presente caso em que assenta este estudo, tratamos de uma turma do nono ano de escolaridade, alunos do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os 13 e os 16, com comportamentos motivados também pelas condicionantes fisiológicas da adolescência. Para além disso também estamos perante uma idade onde são bombardeados com novas formas de comunicação, tecnologias, cores, movimentos e uma parafernália de estratégias e dinâmicas que fazem parte da maioria dos seus dias. Cabe-nos então procurar novas estratégias de aprendizagem que consigam, de igual forma, ter os resultados idênticos de assimilação, motivação, construção e aprendizagem.

É desta forma que me proponho a trabalhar o uso da Banda Desenhada na sala de aula, não apenas a sua leitura, mas a criação de um projeto comum e concertado com os alunos. Assim, a atenção tem de existir durante as aulas, o retirar de apontamentos e pequenas notas para depois poderem intervir durante a realização do desenho. A construção de imagens e momentos, o alerta

para pequenos pormenores e a construção de falas e narrativas fazem com que estes alunos, no final, quando olham para a Banda Desenhada por si construída, reconheçam com rapidez e fluência que a imagem concentra uma narração geográfica, social, cultural, gastronómica e tudo o que mais possa estar envolvido.

Este projeto assenta, metodologicamente, no conceito de *aula oficina* utilizado por Isabel Barca em que “se deve privilegiar a lógica em que o aluno é o agente da sua formação, e o professor tem o papel de investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (Barca, 2004, p. 132). Simultaneamente, propicia-se também espaço para criação de um espírito de responsabilidade e respeito pelos colegas como nos é indicado no documento: Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, onde nas áreas de competências nos é indicado o relacionamento pessoal. Neste documento é sugerida a interação com os outros em diferentes contextos sociais e emocionais onde se trabalhe também as emoções, relações e respostas a necessidades sociais. Deve ser trabalho segundo este documento o comportamento, partilha, colaboração, competição, trabalho em equipa, comunicação, tolerância, empatia, responsabilidade e foi desta forma que este trabalho também se dirigiu para esse objetivo. Para além disto, o uso da Banda Desenhada foi escolhido já após o início do período letivo em que me início a lecionar a disciplina de História ou seja, foi uma opção metodológica que surgiu após um conhecimento do funcionamento da turma em questão e não um projeto desenhado antes e implementado sem o conhecimento dos indivíduos envolvidos.

Por fim, o uso deste recurso tem também como objetivo a criação de algo concreto e coletivo que os alunos percecionem como uma construção sua e os motive na sua vida, fazendo frente a situações de descrédito por que passam estes alunos mais deslocados e com dificuldade sociais e de aprendizagem e orientação para a tarefa. Desta forma, uma pequena brochura que poderá servir para o uso de outros docentes e discentes como ferramenta de trabalho, (a brochura/livro/ebook) constitui um valor “acrescentado” na vida de quem a criou.

Este projeto foi pensado tendo em conta o *Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória*, tendo como premissa garantir as melhores oportunidades educativas. Apesar do contexto envolvente, este projeto surge como uma oportunidade que apesar de nova e pouco usada congrega também a coerência do sistema educativo de educação na sua aplicação e propósito.

Desta forma a questão de investigação incidirá sobre a validade da criação da Banda Desenhada como estratégia para o desenvolvimento de competências de aprendizagem, bem como a sua utilização como ferramenta de aprendizagem especialmente eficaz em contextos sociais e económicos mais desfavorecidos. Tendo como objetivos a melhoria da capacidade de aprendizagem através de um novo método, um melhor entendimento sobre os temas, uma maior autonomia, motivação, responsabilidade e comportamento que eram fatores bastante deficitários neste grupo de alunos. Outros objetivos que se pretendem com este trabalho são a organização do estudo e a

capacidade dos alunos de trabalharem para ter as suas próprias ferramentas, uma maior confiança em si mesmos devido ao contexto em que estavam inserido e por fim a relação entre pares, que pode ter uma vertente de estímulo de aprendizagem.

Desta forma será abordado no primeiro capítulo o contexto em que o estágio profissional foi realizado tal como o funcionamento da escola e das turmas em questão. No segundo capítulo falarei sobre a Banda Desenhada na Educação e o seu desenvolvimento enquanto forma artística e a sua importância na educação. No terceiro a minha atenção recairá sobre a metodologia usada, a análise da implementação do projeto, as etapas por que passou, a sua construção e a sua prática. No quarto capítulo apresentarei os resultados do projeto por meio de respostas, analisarei os seus resultados através de um inquérito que corresponde às quatro dimensões do autoconceito académico: Motivação, orientação para a tarefa, confiança nas capacidades e relação com colegas. O capítulo cinco terá o foco no produto palpável deste trabalho, o livro ou *ebook*, onde se poderá verificar os resultados mais práticos deste projeto e por fim a conclusão onde se fará um balanço de todo o trabalho e se responderá à questão levantada no início: *se a Banda Desenhada, poderá ser uma ferramenta válida para o ensino especialmente em contextos mais desfavorecidos.*

2. O estágio pedagógico: contexto e percurso formativo

O Núcleo de Estágio, em exercício na Escola cooperante (Escola José Falcão em Miranda do Corvo), era composto pelos Professores Estagiários Daniel dos Reis Nunes e Pedro Alexandre Lima Moreira, tendo como Orientador Pedagógico do Estágio o Professor João Santo e as Orientadoras por parte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro e a Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade.

Estas várias orientações permitem que as entidades envolvidas na formação do professor estagiário alinhem estratégias e metas para que tudo corra dentro processo normal de aprendizagem e ensino, mas também é relevante a multiplicidade destas orientações por surgirem de naturezas diferentes, servindo assim para um enriquecimento de conhecimentos diversos e sem atropelos para um melhor enriquecimento tanto prático como teórico.

Este estágio pedagógico, como última etapa da formação de professores, apresenta-se como a mais importante de todas, pois é aqui que estamos pela primeira vez dentro da realidade educativa e pedagógica. É neste período temporal que o professor estagiário tem a sua primeira atuação. Desta forma, este espaço constituiu um espaço de reflexão, de aprendizagem, e de coragem para arriscar e experimentar, pois a liberdade alicerçada com o professor orientador foi bastante e segura, por existirem sempre discussões prévias, significando para o professor estagiário talvez a única oportunidade dos próximos anos para certas experiências com essa rede de segurança.

Fez também parte de uma rotina a discussão, análise e avaliação das estratégias que foram sendo usadas. Não apenas do seu resultado, mas “se” falharam, onde falharam, como poderiam melhorar e se eram adequadas ou não. E parece-me que estes momentos de partilha e de experiência constituíram dos momentos mais importantes do meu período de formação.

Assim, esta descrição e relato da minha experiência, numa primeira fase presencial, e posteriormente à distância, apresenta essa reflexão quanto ao projeto que me propus desenvolver. Desde o início do ano letivo, foi possível acompanhar e lecionar praticamente todas as aulas do 9ºZ¹, e algumas do 10ºX e 11ºY na disciplina de História e Cultura das Artes, o que se tornou um grande desafio, sobretudo destas duas últimas turmas, uma vez que a minha licenciatura foi em História e Geografia, o que me obrigou a um estudo e pesquisa intenso.

¹ Para assegurar a confidencialidade da turma e dos alunos referida neste relatório todas as referências a nome do aluno ou à letra identificadora de turma é fictícia. Assim, a sua utilização apresenta-se a título meramente informativo, não vinculando uma denominação verdadeira.

Assisti a praticamente todas as aulas lecionadas pelo professor orientador bem como as do meu colega de estágio, tirando um período de doença pessoal justificada. Durante este tempo atingi e ultrapassei as horas do Plano Anual Geral de Formação - 32 tempos letivos. Ao longo deste tempo foi-me também permitido pelo professor orientador ir acompanhando a avaliação, onde este procurou sempre manter-me informado e até mesmo discutindo comigo alguns dos casos. Ficou pendente ao longo do tempo as visitas de Estudo - Madrid e Arouca - no âmbito da disciplina de História e Cultura das Artes e outra com o 9º ano organizada por mim ao Forte de Peniche, com a presença de um expreso político. Todas as visitas tiveram de ser canceladas devido à suspensão forçada do ano letivo presencial, no entanto mais à frente partilharei mais detalhadamente estes planos.

Foi também com particular agrado que fui participando em algumas reuniões do âmbito escolar como observador, convidado pelo professor João Santo.

Por fim, deixar como nota que o meu colega de estágio, o aluno Pedro Moreira acabou por abandonar o mesmo em Dezembro, o que também perturbou o meu processo, por ter deixado de ter alguém com quem discutir estratégias e ideias, organizar trabalho, procurar e enriquecer soluções. Desde então procurei um maior apoio junto do Professor Orientador que sempre me deixou à vontade.

2.1 O Contexto Escolar

Este ano de estágio decorreu na Escola José Falcão, localizada em Miranda do Corvo. Esta escola entra em funcionamento em outubro de 1972, para uma população escolar de cerca de 100 alunos. Esta escola era localizada na Rua do Calvário, onde hoje é a Biblioteca Municipal. Anos mais tarde são criados novos pavilhões adjacentes à escola, na denominada Quinta dos Melos, onde perduram até hoje.

No ano letivo 2005/2006, este espaço foi praticamente destruído na sua totalidade e iniciaram-se novas obras, onde foram construídos 3 novos edifícios (blocos) e uma cantina que servem esta comunidade até hoje.

A escola tem como “patrono” José Falcão pela projeção histórica do indivíduo que nasceu na região. Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, a escola mudou de nome para Escola C+S de Miranda do Corvo". No entanto, e a partir de 1993, esta volta a incluir José Falcão no seu nome e passa então a denominar-se "Escola C+S José Falcão, Miranda do Corvo", com o alargamento dos graus de ensino e por fim o seu nome e que se mantem até hoje é *Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário José Falcão, Miranda do Corvo*, sendo a Sede do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, que conta com aproximadamente 600 alunos.

2.2 Caracterização das turmas

Ao longo deste tempo fomos assumindo o trabalho em três turmas distintas: no ensino básico uma turma de 9º ano na disciplina de História e duas turmas no ensino secundário, uma de 10º e outra de 11º ano, na disciplina de História e Cultura das Artes.

A turma do 9º ano foi aquela com quem tive oportunidade de implementar o meu projeto e aquela a que dei mais aulas. Este é uma turma composta por 10 alunos, todos do sexo masculino. Apresentam um nível socioeconómico baixo e idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Dois alunos deslocam-se diariamente de fora do concelho. A turma conta com alunos institucionalizados, dois que tomam medicação regular. Sete dos dez já reprovaram, alguns mais que uma vez. Seis têm apoio frequente ao estudo e apresentam dificuldades a várias disciplinas, sendo que a História apenas um aluno apresenta dificuldades. Cinco afirmam que não gostam de estudar, sete que não estudam regularmente e quatro não falam sobre questões de estudo em casa. Em termos de atividades extracurriculares, seis não têm qualquer uma e os mesmos não desejam continuar nesta escola, e das suas ambições de futuro profissional só dois anseiam profissões que necessitam de curso superior. Cinco transitam no último ano de ano com negativas, sendo que três transitaram com mais do que uma e nove dos dez alunos tiveram negativas ao longo do ano. Em termos de medidas de suporte à inclusão estão seis alunos sinalizados.

A larga maioria necessita de incentivo e reforço positivo, apresenta falta de autonomia, falta de atenção e dificuldade de concentração. Apresenta um comportamento desestabilizador, existem casos de hiperatividade e de desmotivação. No entanto, o trabalho com esta turma, do meu ponto de vista, criou-lhes algum sentido de responsabilidade, onde o comportamento melhorou, existindo sempre dias de exceção como em todas as turmas. O espírito de entreajuda também foi desenvolvido.

Este grupo, composto na sua maioria por alunos com mais ou menos dificuldades, mas que se influenciam muitas vezes negativamente, poderá prejudicar individualmente cada um, especialmente na vontade de desenvolver tarefas ou de ambição num futuro melhor para cada, onde mesmo os alunos com mais capacidades percebem que apenas lhes chega cumprir os mínimos neste tipo de ambientes.

Na turma de 11º ano não implementei o projeto, mas lecionei várias aulas e fiz algumas atividades. Esta turma era composta por três alunos do sexo masculino e sete do sexo feminino. Dois estudantes são de fora do concelho e tem todos idades entre os 16/17 anos, apresentando um estrato socioeconómico médio baixo. Todos tem irmãos. Um dos alunos apresenta uma doença crónica. Três dos dez alunos já reprovaram e seis têm apoio a outras disciplinas. História e Cultura das Artes não é a disciplina favorita de nenhum deles.

Sete afirmam que não gostam de estudar e nenhum estuda todos os dias e seis não têm ninguém que os ajude a estudar em casa. Seis não praticam qualquer atividade extracurricular. Nove desejam continuar nesta escola e também nove desejam exercer profissões que requerem um curso superior.

Um aluno tem o seu currículo adaptado. Esta turma apresenta um comportamento ótimo, embora seja uma turma um pouco fechada e onde tive alguma dificuldade em interagir do ponto de vista da criação de relações. Apresentaram na sua maioria interesse pelas atividades. Deixando apenas como nota que foi uma turma que funcionava em dois grupos e a dois tempos entre os alunos com melhor aproveitamento e menos dificuldades e outro grupo na situação inversa.

Por fim, relativamente à turma do 10º ano, não foi possível recolher estes elementos de caracterização embora tenham sido solicitados à direção de turma várias vezes. Contudo, pela análise que posso fazer, a turma era composta por sete alunas regulares e duas alunas com Necessidades Educativas Especiais que, por vezes, eram encaminhadas a esta disciplina. No entanto, apenas as primeiras sete frequentavam sempre História e Cultura das Artes. Sei que apenas uma aluna era de fora do concelho, sendo que a turma se deve inserir num estrato socioeconómico médio. A turma apresentava na sua maioria resultados bons, concentração, comportamento e empenho ótimos. Nesta turma também dei várias aulas e realizei diversas atividades. Esta foi a turma mais fácil de trabalhar uma vez que existia uma maior abertura e motivação.

2.3 Organização e funcionamento do Núcleo de Estágio

Aproveito este espaço para descrever como o Núcleo de Estágio estava organizado e como fomos funcionando ao longo deste tempo.

Este foi um ano intenso, onde a regularidade do trabalho foi constante e com ambos os orientadores a estimularem a criação e a experimentação de atividades, tal como os próprios alunos do Núcleo de Estágio. Esta abertura e trabalho só foi possível graças ao Professor João Santo, que nunca fechou nenhuma porta e quando achava que a atividade ou pensamento não seria o mais adequado fazia-nos discutir e pensar acerca da mesma em vez de abandonar a ideia, o que se tornou muito positivo em termos de discussão e construção.

Estas reflexões, mais ou menos informais, eram tidas geralmente no final de cada aula e posteriormente pensadas e adaptadas no tempo seguinte. Desta forma, desde o início do ano letivo a liberdade e responsabilidade foi sendo atribuída na medida em que a queríamos ter e nunca imposta, embora por vezes estimulada. Das propostas iniciais que mais tarde e

após discussão da sua validade dão origem ao *Plano Individual de Formação*² procurei sempre que existisse uma ligação estreita entre a comunidade escolar e o trabalho que seria desenvolvido por este Núcleo e pelo Departamento onde se insere.

Sabemos, pois, que os acontecimentos que levaram à interrupção do ano letivo não nos deixaram, no contexto de sala de aula, terminar e implementar atividades e projetos. No entanto, enquanto tivemos essa oportunidade, aproveitámo-la, experimentando vários recursos como fichas, aplicações 3D, *QR codes*, aplicações sínteses, leituras, documentários, trabalhos de sala de aula, jogos, entre outros. Foi também importante verificar o tipo de reação a diversas formas de apresentação, desde *PowerPoint*, *Prezzi* e outras ferramentas que me pareciam adequadas.

Em termos de reuniões de avaliação intercalar e avaliação final do primeiro período, foi possível a nossa presença enquanto observadores o que se tornou uma experiência enriquecedora para o entendimento de toda essa parte de trabalho fora da sala de aula. No entanto, devido às contingências que sobejamente conhecemos, não foi possível participar nas seguintes, sendo que o Professor Orientador João Santo colocou as suas orientações e temas em debate comigo, auscultando a minha opinião acerca de vários parâmetros de avaliação, reflexões e propostas de futuro no final de cada período. De voltar a referir que nesta altura já me encontrava sozinho no decorrer do estágio. Participei ainda em reuniões do grupo de trabalho de História. Participei ainda na definição de objetivos no grupo de trabalho de autoavaliação, onde estive inserido mais diretamente na elaboração de questionários para os pais, alunos e professores.

2.4 Atividades do Núcleo de Estágio

A comunidade escolar mostrou-se com alguma abertura às propostas por nós enunciadas. A maioria dos professores estiveram disponíveis em apoiar-nos e em fornecer documentos e informações que achássemos necessárias. Afirmando que nem todos porque na prática, durante o meu projeto nem sempre foi possível fazê-lo, mas seria injusto deixar de referir todos os outros que foram mostrando disponibilidade e dando algum apoio e suporte, especialmente depois de ficar sozinho no núcleo de estágio.

² Ver *Plano Individual de Formação*, em anexo I, p. 56

Desta forma, na escola assumi sempre que o meu papel não deveria ser apenas o de dar aulas, mas de ter uma postura ativa na comunidade, de propor e fazer atividades, ser mais do que nos é “pedido” e ir sempre mais fundo no que possa ajudar os alunos.

Assim, começo por destacar a articulação de planos atividades com outras disciplinas tais como atividades consideradas não curriculares, mas que potenciam as aprendizagens dos alunos.

Muitas das atividades propostas no Plano Individual de Formação, não se realizaram uma vez que o ensino presencial foi suspenso devido à pandemia e às restrições derivadas do vírus COVID19 que implicou mudanças no normal desenvolvimento das aulas e de gestão das escolas. Assim, o ensino passou a digital e a partir de casa apenas tendo regressado à escola, já perto do final do ano, as turmas que teriam exames nacionais a realizar. No entanto existem algumas atividades que, apesar de não ter sido possível realizar merecem, no meu entender, referência.

Estava assim agendada uma visita de estudo ao Museu da Resistência e da Liberdade em Peniche, que contaria com a presença do ex-presos político José Pedro Duarte, hoje presidente da União de Resistentes Antifascistas Portugueses. Esta visita de estudo, dirigida ao nono ano, tinha como objetivo que os alunos para além de entenderem a repressão e a resistência do Estado Novo, tomassem conhecimento da existência de diversos episódios e atos heroicos nesta prisão. Este objetivo deve-se ao facto destes alunos dirigirem mais atenção a acontecimentos e personalidades com este tipo de histórias, e partindo daí adquirirem um entendimento mais científico e alargado do conteúdo.

Para o 10º e 11º ano, estavam agendadas duas visitas de estudo: uma a Madrid onde visitaríamos o Museu do Prado, o Museu Nacional de Arte Rainha Sofia e o Palácio Real de Madrid, também denominado Palácio do Oriente.

Por fim, estas turmas iriam também a Arouca, numa programação entre o departamento de História e o de Ciências, onde se faria uma visita de estudo ao Museu de Arte Sacra e ao Geoparque da mesma cidade.

Em todas estas visitas de estudo, o Professor João Santo incluiu-me na discussão e ajuda na organização das mesmas, embora não tenha sido possível acontecerem, como referi anteriormente.

Estava também previsto uma Oficina de Escrita Medieval, enquadrada no módulo 3, *A Cultura do Mosteiro*, do programa de História e Cultura das Artes, onde o objetivo era que os alunos desenvolvessem algum conhecimento dessa arte e produzir um maior gosto pelo tema.

Por fim, e para terminar as atividades de maior destaque que ficaram pendentes, iria realizar-se uma exposição das Bandas Desenhadas, uma apresentação pública do Livro de Banda Desenhada produzido pelos alunos do 9º ano, sobre o qual relatarei o seu processo de construção de forma mais pormenorizada à frente neste relatório. Por fim, estávamos a trabalhar a ida destes alunos a escolas primárias do agrupamento para poderem dar pequenas “aulas” com as suas bandas desenhadas. Estas

aulas, eram de extrema importância para legitimar a validade do seu trabalho e ajudar os alunos com baixa autoestima e várias dificuldades sociais a expor o seu trabalho e a sua validade também enquanto indivíduos.

Foi ainda possível realizar, no dia dos direitos humanos, uma visita à escola do ex-deputado ao Parlamento Europeu, Miguel Viegas. Esta atividade realizada no dia 10 de dezembro contou com várias dezenas de alunos e tinha como título: “*A crise dos Refugiados na União Europeia: uma questão de humanidade*”. Esta atividade não se fechou apenas neste debate. A ação foi preparada durante alguns dias antes, aproveitando outra atividade proposta pelo Plano Nacional de Leitura, *10ML* (10 minutos a ler), onde os alunos deveriam ler alguma coisa durante dez minutos da aula. Desta forma foram apresentados os dez minutos para lerem textos e reportagens sobre a crise de migrantes e refugiados podendo assim partir para o debate com alguma bagagem acerca do tema.

Por fim, foi-me solicitado um vídeo para integrar a página da Escola sobre o seu patrono José Falcão e assinalar o dia do seu nascimento. Desta forma, o vídeo contou com várias filmagens da escola praticamente vazia, com planos diferentes do que a escola costuma ser, com várias alusões aos ideais republicanos e libertários que José Falcão defendeu. A narração que dá corpo ao vídeo e os textos foram também elaborados por mim e partilhados com as demais pessoas da comunidade escolar e não só.

2.5 O Percurso Formativo

Ao analisar o ano letivo que passou, este pareceu-me bastante positivo. Este foi o meu primeiro contacto formal como docente numa escola. Foram cerca de cinco meses de trabalho local e o resto do ano de ensino digital, abrindo também uma nova realidade para a qual poucos estavam de facto preparados.

Existiu no seu início uma dificuldade da minha parte em integrar o grupo de professores, também devido à minha personalidade mais recatada e a uma escola com um corpo docente bastante maduro. Já em relação aos alunos, a situação foi contrária. Apesar das dificuldades de comportamento muito vincadas na turma do 9º ano, sempre consegui criar relações mais facilmente.

Felizmente, aprendi bastante com o Professor João Santo e com a forma como se relacionava com os alunos e muitas das suas estratégias e paciência usadas em alturas mais turbulentas. Esta postura de ajuda foi um auxílio equilibrado, que nunca negou o conselho, mas que nos deixava procurá-lo primeiro não exercendo qualquer pressão adicional à nossa posição. Também o corpo docente mais próximo esteve disponível e ajudou algumas vezes não só em conversas com os alunos, mas também com alguma informação e relatos das suas experiências.

A esta distância, considero que o professor deverá ser um agente forte na sala de aula, mas que não deve ser demasiado ríspido e deverá basear a sua atuação em conexões humanas e não mecânicas e distantes. Temas como indisciplina, dificuldades, relações estiveram sempre presentes e por vezes mais do que desejaríamos, daí que tenha usado como estratégia uma aproximação e uma relação mais próxima, mostrando algum interesse pelos temas que levantavam, pelos comentários que faziam, deixando existir um espaço comum e um tempo para eles, exigindo depois um tempo para mim. Embora ache que esta estratégia tenha resultado com o 9º ano, uma turma mais complicada ao nível comportamental, não sinto que tenha resultado com as outras turmas que tinham um comportamento melhor, mas não mostravam tanta empatia.

Foi este estreitar de laços que acho, por exemplo, que a indisciplina foi diminuindo e atribuindo-lhes responsabilidade sobre o desenvolvimento do projeto que juntos nos comprometemos a realizar. Assim considero que foi uma estratégia benéfica, no entanto, a esta distância existiriam coisas que alteraria e práticas que teria experimentado.

A análise feita no final de cada aula, ou com pequenas conversas em cada semana, apresentavam um ponto de balanço extremamente positivo, porque podia modificar, ou acrescentar para as aulas seguintes. No entanto, esta relação entre o professor formal ou o professor “mais próximo” é algo que dependerá em muito das circunstâncias concretas de cada turma, mas onde me parece que os alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamento necessitam de uma proximidade maior e valorizam por isso. Como refere Delors (2005), “a forte relação estabelecida entre o professor e o aluno constitui o cerne do processo pedagógico”.

No entanto devemos equilibrar esse aspeto para poder existir uma evolução e o aluno também não estar dependente desta disponibilidade e empatia do professor e poder fazer o seu próprio caminho e evoluir.

De referir que em março, as atividades presenciais nas escolas foram suspensas devido à necessidade de isolamento nacional como consequência do alastrar da pandemia. A retoma das aulas ocorreu depois do período de férias da Páscoa e obrigou a mudanças profundas na forma de ensinar e de aprender. Apesar de durante as aulas presenciais antes desta medida de isolamento, muitas das tarefas realizadas serem já concretizadas com recurso digital, apesar disso, ensinar à distância, sem contacto físico tornou-se talvez no maior desafio de todo o estágio.

No início, a tarefa de preparação e realização da aula foi totalmente assegurada pelo professor orientador, e discutida comigo pelo telefone. Só mais tarde e com o avançar dos dias me foram atribuídas responsabilidades nesse sentido. Aponto como maiores obstáculos a falta de equipamentos (computadores, microfones, câmaras, ou ligações de internet estáveis). Outra dificuldade era a de não conseguir decifrar o entendimento das matérias por parte dos alunos, muitos deles não ligavam as câmaras ou microfones não sabendo eu se de facto estavam presentes e se estavam realmente na aula

ou apenas o seu “*user*” estaria *online*. Para contornar esta situação resolvemos como método criar pequenos grupos de trabalho com tarefas desde o início da aula tendo percebido que muitos alunos apenas se ligavam nas salas, mas que não estavam do “do outro lado” desta forma conseguimos que com o tempo estes assistissem a toda a aula. Outro dos pontos que gostava de referir era o nervosismo que se sentiu da parte deles, pois a situação de saúde pública abalou bastante alguns alunos a nível psicológico tal como a quarentena a que foram sujeitos. A questão de estarem fechados em casa e sem um fim à vista no combate a este vírus provocou alguma ansiedade.

Por fim e para terminar, como tinha uma turma de 11º ano que tinha exame nacional à disciplina de História e Cultura das Artes, regresssei à escola e ao ensino presencial apenas com essa turma. Neste momento notava-se que existia um imenso desgaste nos alunos e alguma saturação. As aulas eram dadas cumprindo todas as regras delineadas pela Direção Geral de Saúde e pelo Ministério da Educação: desinfeção, máscaras, não existia contacto físico, não existiam materiais a circular pelos alunos, entre outras). Tenho como positivo este período, uma vez que foi uma aproximação ao que existia anteriormente apesar de todas as regras. Os alunos neste tempo já só pensavam nos exames dirigindo a sua atenção para essas matérias tendo eu tentado contrariar essa direção com matérias e métodos mais leves que os levassem também a uma maior tranquilidade, não descurando as suas aprendizagens. Penso que pela participação dos alunos tudo correu positivamente do ponto de vista pedagógico e do ponto de vista avaliativo uma vez que a média da turma foi de 15,5 valores no exame nacional em causa. Apesar das razões que nos trouxeram até aqui, poderei afirmar que enquanto professor ganhei e aperfeiçoei outras ferramentas como a capacidade de criar e trabalhar numa situação estranha, o entendimento da sala de aula digital e os métodos para poder ter controle sobre a mesma, a gestão e descoberta de ferramentas para estes novos tempos.

3. A Banda Desenhada na Educação

3.1 A Banda Desenhada

Considerada como a 9ª arte por Ricciotto Canudo ao “Manifesto das Sete Artes” em 1912 e publicada em 1923. Este tipo de forma de contar histórias remonta à antiguidade pré-histórica. Desde que o homem deixa marcas pintadas que a banda desenhada poderá ser considerada como por exemplo as cenas de caça. Assim, desde a pré-história podemos dizer que as pinturas rupestres significavam o mesmo que nos chega nos dias de hoje. Esses indivíduos pintavam o seu dia-a-dia, deixando por vezes pinturas com sequencias lógicas.

Antes do aparecimento da escrita, o homem baseava-se, para comunicar, essencialmente nos desenhos figurativos quando lhe era impossível fazê-lo oralmente, na presença do receptor. Com o advento da escrita, a representação icónica, longe de perder a sua importância, associou-se a ela, numa simbiose que iria perdurar até hoje. (cit. por Serra, 2016, p. 6)

O mesmo aconteceu no antigo Egipto, onde os hieróglifos descreviam a mitologia de um povo e nas suas cerâmicas conseguimos entender histórias das suas crenças ou pegando nesse mesmo tipo de exemplo e aplicando-o à cultura grega da Idade Média. No período medieval podemos encontrar este tipo de exemplo em tapeçarias, vitrais e cerâmicas entre outras formas de expressão pintadas com vários motivos. Outro exemplo ainda da representação gráfica em termos de forma de expressão remonta a 113 nos 38 metros da Coluna de Trajano.

Com estes exemplos refiro que embora não seja já Banda Desenhada existe já uma intenção de contar uma história graficamente até porque a origem da Banda Desenhada continua a não certa até aos dias de hoje.

Estas formas de expressão podem contar o percurso e desenvolvimento da banda desenhada segundo afirma Renard (cit. por Venâncio, 2016, p. 9). Com raízes Europeias, conhecemos o primeiro livro do género em 1831 por Rodolphe Töpffer e o seu conto ilustrado *L’histoire de Monsieur Jabot* e dois anos mais tarde começa a conjugar regularmente a palavra à sequência de imagens. Segundo vários historiadores, a banda desenhada moderna nasce em França com a *La Famille Fenouillard* (1889-1893), noutra ponta desta discussão aparece Richard Outcoults com a sua personagem *Yellow Kid*. *Este rapaz surge* com um balão de fala o que embora não seja por si uma Banda Desenhada surge na direção dessa intenção. Esta discussão, para além de não ser conclusiva é alimentada pela rivalidade francófona e americana bastante vincada na Banda Desenhada. No entanto Töpffer já tinha algumas obras escritas, apenas não as tinha conseguido editar devido à dificuldade de edição na Europa (Serra,

2016, p.9). Já nos Estados Unidos por esta altura Yellow Kid é um sucesso e influencia muitos artistas a criar as suas personagens e histórias que saem tradicionalmente em jornais, por partes, numa tentativa de prender os leitores.

No entanto, é aos Estados Unidos da América que é atribuído o desígnio originário deste género literário por ter tido o maior desenvolvimento. Contudo, durante muito tempo seria o parente pobre da literatura e da ilustração, «com demasiados bonecos para ser literatura, demasiado ligada à imprensa para ser pintura» como refere Rui Zink (1999, p. 45) na sua obra *Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*.

O seu desenvolvimento fica marcado em 1905 pelo uso das pranchas *Little Nemo in Slumberland*, criadas por Winsor McCay e publicadas no jornal *New York Herald*. Mas a partir dos anos 30, segundo Villanueva (2000), este género libertou-se dos jornais e alcançou a sua independência editorial publicando os conhecidos *Tintin*, *Astérix* ou *Lucky Luke* conforme afirma o estudo de Mariana de Castro Pereira.

A Banda Desenhada assume dois caminhos, se por um lado é uma forma divertida de contar histórias, por outro surge um movimento que a intelectualiza.

Nos Estados Unidos da América a Banda Desenhada continua o seu caminho com um desenvolvimento enorme devido à disputa entre editoras: “A rivalidade entre os jornais, para apresentarem as melhores histórias, era de tal forma que chegou a levar a disputas abertas entre várias editoras” (Serra, 2016, p. 11). Nos anos 60 surgem os heróis da *Marvel* constituindo um enorme sucesso na América e que também na Europa encontra um vasto público. Na Europa o caminho foi feito mais lentamente e a disputa das suas criações nesta época era feita sobre o público infantojuvenil.

Não poderia deixar de referir também a influência japonesa na BD, neste que é um dos países com maior importância nesta forma de contar histórias. Em biombos ou tapetes, já era possível observar histórias em idades bastante remotas. Mais tarde, o autor japonês Osamu Tezuka, admirador confesso de Walt Disney revolucionou a Banda Desenhada japonesa com o dinamismo dos seus desenhos.

Autores como Filomena Venâncio ou Waldomiro Vergueiro dividem a banda desenhada no século XX em quatro épocas: a era do Ouro, da Prata, do Bronze e a Moderna. A do Ouro muito direccionada aos Superheróis (Superman, Batman, Flash por exemplo) e o seu consumo teve o apogeu durante a segunda Guerra Mundial. A proibição de comércio entre EUA, Japão e Alemanha fez com que os dois últimos países criassem e desenvolvessem os seus próprios estilos de BD com o sucesso que conhecemos ainda hoje em dia.

A sociedade americana nos anos 40 e 50 atravessou uma época bastante forte de criminalidade juvenil e esse tipo de comportamento foi atribuído à influência da BD nessa faixa etária, tendo sido o estilo proibido.

Na era de Prata falamos de Astérix e de um tipo de narrativa destinada a um público mais adulto.

Na era de Bronze vários artistas desafiam a *Comics Code Authority*, que detinha um código de conduta para os escritores de BD e estes acabam por escrever fora das regras estabelecidas e tendo uma enorme aceitação popular. Na atualidade existe uma quase total abertura para o desenvolvimento de temas e a sua divulgação.

Esta forma de expressão liga entre si “dois elementos comunicacionais”, o narrativo e o pictórico (Bonifácio, 2005, p. 62) que permite ao leitor um entendimento mais próximo e realista do acontecimento. Ainda assim, o uso da BD em sala de aula, segundo Rego (2004) deverá existir “uma lógica de verdade factual, cronológica e epocal traduzida por uma verosimilhança tão próxima, quanto possível, da realidade ou melhor, da verdade histórica ou, melhor ainda, da memória colectiva” (Rego, 2004, p. 42).

Nas últimas décadas a Banda Desenhada especializou-se em públicos, em revistas e em livros. Publicações específicas e dirigidas. Desta especialização aliada à globalização e transmissão de informação pela internet a Banda Desenhada ganhou um espaço de acesso mais democrático tanto na sua produção, divulgação e leitura, existindo hoje o termo *webcomics*.

3.2 A Banda Desenhada em Portugal

Em Portugal as primeiras intenções de Banda Desenhada podem ser atribuídas a Afonso X com as *Cantigas de Santa Maria*. O nosso país chega ao contacto com a BD mais cedo que os Estados Unidos devido à sua questão geográfica.

A banda desenhada surge em Portugal em 1850, tendo a história como título: *Aventuras Sentimentais e Dramáticas do Senhor Simplicio Baptista* da autoria de António Nogueira da Silva, embora as pelas surjam com a assinatura de um pseudónimo Flora não se tem a certeza se essa assinatura se refere a António Silva um caricaturista bastante conhecido na época ou a um trabalhador que fazia a estampagem. No entanto, o artista que mais se evidenciou e ainda hoje surge como referência é Rafael Bordalo Pinheiro devido à sua ação de caricatura política e social e revolucionária esta forma artística em Portugal. Outra data a ter em conta é 1890 com a criação de *Ultimatum*, que criticava a monarquia portuguesa e a sua ligação aos Britânicos. Com a queda da Monarquia autores

como Bordallo Pinheiro são vistos como agentes políticos importantes que levaram ao desgaste do regime.

“Portugal ainda hoje carrega o estigma de que a banda desenhada ou, (...) a obra escrita e iconográfica continua a ser associada a leitores pouco exigentes, com um nível cultural inferior...” (Silva & Malheiro, 2006, p. 156). Isto acontece por Portugal ter tido um ritmo muito diferente a nível político e social no último século muito diferente dos outros países europeus. Seja por ter tido a ditadura mais longa da Europa ou mesmo pela sua república pouco sólida.

A Banda Desenhada rompe pelos jornais portugueses e nos suplementos infantojuvenis entre 1910-1940. Surgem bandas desenhadas históricas como *Quim* e *Manecas* (primeiras personagens fixas em Portugal) na revista *Século Cómico* de Stuart de Carvalhais, o *ABZ-zinho*, o *Carlitos* entre outras. Como sabemos em 1933 Portugal transforma o seu regime político num regime ditatorial e a imprensa passou a ser uma arma usada pelo Estado Novo e a censura uma forma de controlar valores políticos, sociais, morais e ideológicos. Assim, as bandas desenhadas importadas sofriam uma revisão e alteração de acordo com os profissionais do regime e tal como as vendas e edições, “por vezes, a pequenos retoques nos desenhos, para alongar saias demasiado curtas, fechar decotes fundos, ou fazer desaparecer armas, mesmo que estas tivessem influência direta no decorrer da ação” (Silva & Malheiro, 2006, p. 137).

O próprio Estado Novo cria três revistas de Banda Desenhada dirigidas pela Mocidade Portuguesa onde estavam impressos os valores do regime nas histórias, falamos de: *camarada*, *Lusitas* e *Fagulha*.

Entre 1940 e 1950 existem várias publicações de importância assinalável a nível mundial que são censuradas pelo governo, falamos de obras como *Tarzan*, *Super-homem* ou *Capitão Marvel* que ainda hoje vivem nos nossos imaginários e se tornaram intemporais.

Outra data importante será 1968, ano não só em que António Oliveira Salazar abandona o poder, mas quando *Tintim* entra no mercado português com um enorme sucesso de vendas.

A Revolução chega em 74 e com o regime cai também a censura e a BD toma uma forte posição de intervenção política e social segundo Boléo e Pinheiro (2000),

vai ser na fronteira entre banda desenhada e *cartoon*, aquela, necessariamente narrativa, este, o desenho satírico, essencialmente sintético (...), que se vai manifestar muita da intervenção sócio-político-social, e será nessa fronteira que se situarão muitos dos símbolos maiores que marcaram o pós-25 de Abril” (cit. por Serra, 2016, p. 29).

No seguinte a revista *Visão* publica o primeiro projeto coletivo de autores de banda desenhada portuguesa. Em 1990 nasce a revista *Lx Comics* apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, com várias

publicações nacionais e internacionais. Atualmente os eventos com maior destaque na área é o Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora (FIBDA), nascido em 1989, sendo que após 2009 este festival passou a ser conhecido pela designação de Amadora BD.

3.3 A Banda Desenhada enquanto estratégia pedagógica

A história da banda desenhada na educação nem sempre foi pacífica, primeiramente porque sempre foi vista como uma forma de leitura diminuta e também associado a um momento problemático: aquando da sua proibição nos Estados Unidos da América na década de 40.

“Acreditava-se que o lúdico de um recurso didático reduzia a sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, apesar de ter enfrentado muita resistência para alcançar uma posição favorável para o ensino, esta forma de arte começou a ter destaque em França” (Sá, 2000, p. 21).

No entanto, mesmo nos EUA a banda desenhada foi voltando ao ensino por professores que a tentaram reintegrar numa altura onde a televisão atingia as camadas mais jovens, esta ferramenta conseguia trazer de novo os jovens aos livros. Antonie Roux (1970) coloca na altura a questão da sua introdução nas escolas: ensinar a banda desenhada ou ensinar com a banda desenhada.

Em 1980, várias reformas pedagógicas tomam forma e existe uma viragem e a sociologia tem um papel importante ao referir que os interesses dos alunos deveriam ser pesados para a conquista da sua atenção na sala de aula e que a banda desenhada contrariava o efeito de exclusão devido à sua vertente de acesso fácil e barato coisa que por vezes a escrita normal não atingia. Assim começou um reconhecimento das suas potencialidades e surgiu como uma nova ferramenta de ensino e ajudou na diversa oferta de recursos didáticos. Vergueiro explica o preconceito contra um instrumento com potencial para a aprendizagem: “Essa inegável popularidade dos quadrinhos, no entanto, talvez tenha sido também responsável por uma espécie de “desconfiança” quanto aos efeitos que elas poderiam provocar em seus leitores. (...) os adultos tinham dificuldade em acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores” (Vergueiro, 2004, p. 8).

Apesar deste lento caminho, as vantagens têm vindo a ser defendidas especialmente nas aulas de história, devido ao suporte de narrativa e empatia com os seus leitores tornando a compreensão e estudo mais prazeroso. Em 1997, surge mesmo a organização não-governamental *World Comics Finland*. Este projeto internacional de banda desenhada tem um objetivo pedagógico e social a luta contra o racismo, a violência contra a mulher, prevenção de doenças entre outros assuntos. A própria Comissão Europeia publica bandas desenhadas com os temas fraturantes da europa, sendo que isto é uma prova do seu potencial e validação pedagógica.

O uso da Banda Desenhada como estratégia pedagógica verifica-se das mais variadas formas mas não existem regras, e o limite da sua aplicação é a criatividade e o seu aproveitamento. A configuração do desenho enquanto elemento indicativo de pensamento, ambiente e de ação é um trabalho onde os alunos tendem a trabalhar várias competências que se ligam à criação das histórias.

Primeiramente, a concentração, análise e projeto, como qualquer autor tem uma narrativa quanto à sua história, estes alunos têm na aula e na matéria dada a sua narrativa. É aí que estes devem ir retirando notas e apontamentos para poderem mais tarde contribuir para a criação da história final. Para além disso, têm de treinar a sua capacidade de síntese e argumentação, tentando que as imagens e as pequenas frases transpareçam a História, este é até agora neste ponto do processo que denoto o maior desafio.

Tendo a imagem uma importância extrema nos dias de hoje, esta apresenta hoje em dia um poder crescente e singular. Cada vez mais o seu uso interfere com o nosso modo de vida e cada vez mais nos adaptamos a ela. Basta como exemplo dos dias de hoje perceber a importância que os telefones móveis têm na nossa vida e o seu desenvolvimento sempre aliado à imagem, seja em aplicações, *smiles*, *emojis* para além do desenvolvimento de *hardware* e câmaras para a captação rápida e com qualidade de imagens.

Como refere Duncum (2009, p. 3) “a visão é um sentido dominante”. É nesta lógica que ocorre a explicação de um acontecimento, que percebemos que para o aluno atingir determinada ideia a narração e descrição do objeto em causa tem de ser bastante minuciosa por parte do docente. No entanto, por muito bom que seja o trabalho narrativo do docente, o aluno tem também de se dotar de uma capacidade de abstração grande e um sentido de imaginação bastante apurado, visto que a narração nos obriga a imaginar e a imagem tem o poder de refletir de imediato o que se pretende.

É por isso que as histórias para crianças são ilustradas, para que o seu cérebro identifique os ambientes e elementos rapidamente e se construa uma imagem na sua memória, solidificando conceitos e desenvolvendo a imaginação.

Nesta era da imagem, a sala de aula não está desligada do mundo que a rodeia. Para além do seu uso poder ser pedagógico, é muitas das vezes usado como forma de captar a atenção dos alunos e complementar o ensino, daí o uso recorrente de *PowerPoint* e outras formas dinâmicas onde as imagens estão constantemente presentes. Com isto, a imagem deixou de ser meramente decorativa e passou a ter um papel importante na sala de aula uma vez que é estimulante, ajuda na memorização e é um reforço positivo que surge diversas vezes. Esta aparece com um ritmo próprio entre o livro (narração) e o filme. O filme, por exemplo, dita-nos um ritmo, o seu realizador imprime-lhe uma velocidade, já no uso de imagens e em concreto da Banda Desenhada, o seu leitor pode decidir a sua celeridade conforme a entenda.

A imagem e a Banda Desenhada permitem uma viagem, surgindo como um método mais prazeroso para quem o recebe pois é mais dinâmico e variável como refere Bonifácio: “Analisar os quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem exploradas por meio de sua presença em sala de aula. Tais experiências podem conferir novos contornos e potenciais criativos, atribuindo novos significados às aulas de História” (Bonifácio, cit. por Cardoso & Solé, 2018, p. 717). No entanto não devemos sobrepor a imagem a todo o resto. A imagem tem o seu papel e deve ser utilizada com conta, peso e medida, exigindo-lhe sempre qualidade e validade histórica nos conceitos a serem trabalhados.

É por isso que o uso da Banda Desenhada, enquanto recurso, transporta consigo ainda alguns receios. A sua popularidade entre os jovens provoca alguma desconfiança porque muitas das vezes é vista como um meio para os mais “preguiçosos” terem acesso a algumas histórias deixando de aprofundar outras formas de leitura. Exemplo disso foi o escândalo que existiu nos Estados Unidos da América no final dos anos 40, o Dr. Fredric Wertham, um psiquiatra nova-iorquino associou os comportamentos juvenis às BDs (Azinheiro, 1998, p. 50) que referi anteriormente. Nesses estudos e artigos foi desaconselhado pelo Senado Americano a utilização da Banda Desenhada nas escolas. Esta proibição deveu-se ao facto de a sua leitura ser amplamente difundida entre os mais jovens e muitas das histórias presentes nas Bandas Desenhadas conterem cenas violentas, criminais ou mesmo com mortes, tendo o governo achado que esta estava a influenciar demasiado os jovens e que essas práticas estavam a ser refletidas nos seus comportamentos, como refere Santos, Galveias e Lacerda (1979).

Moura (2008) afirma que os a violência levou a essa atribuição de culpas à Banda Desenhada nos Estados Unidos. Esta culpabilidade chega mesmo ao Congresso acabando por serem encerrados vários títulos principalmente quando foi instiruido o o *Comics Code Authority que era um código de conduta moral para os trabalhos de banda Desenhada*.

“Como reflexos do ambiente de terror, de crime e de «gangsterismo» que nessa altura se vivia na América. (...) A B.D. começou então, pelo menos através de alguns autores – era preciso produzir de acordo com as preferências do público – a entrar noutra género de evasão: o terror, a brutalidade e a violência. Os «horror *comic books*», surgidos nos primeiros anos da década de 50 e mais tarde proibidos, representam, em certos aspetos” cit. por Serra, 2016, p. 13)

Mesmo no contexto de sala de aula o uso da BD como recurso pedagógico também sofreu alguma hostilidade como afirma Mota (2012) “era vista com desconfiança por parte de educadores e professores, muito pelo seu poder de influência na forma de agir e ser das pessoas” (Mota, 2012, p.

7). Esta ideia é também reafirmada por Oliveira e Souza (2013) ao asseverarem que existem docentes que acreditam que a sua aplicação no ensino pode trazer consequências prejudiciais ao desenvolvimento intelectual da criança (Cardoso & Solé, 2018).

No entanto, só cerca de vinte anos mais tarde é que o seu uso foi retomado normalmente, pois chegou-se à conclusão que o seu potencial educativo e de motivação era enorme e que com ele se conseguia trabalhar a defesa de perspectiva por parte dos leitores, existia um desenvolvimento de leitura mais rápido e conexões emocionais com as personagens mais rapidamente devido ao facto de esta ter uma imagem, um rosto ou características que as distinguiam (Pereira, 2013, p. 94). Também Fronza afirma que a banda desenhada pode “contribuir vivamente para o contato desses sujeitos com formas de viver passadas distintas, mas significativas, que forneçam sentido para à sua vida prática contemporânea” (Fronza, 2012, p. 433). Esta ideia está em muito ligada ao caminho que a História enquanto disciplina deverá traçar.

O uso deste recurso veio também ajudar os alunos com uma inteligência média baixa, como refere a tese de mestrado de Vasco Luís Azinheiro (2014): *A utilização da Banda Desenhada nas aulas de História e Geografia do 3º Ciclo do Ensino Secundário*. Nesse estudo o autor verifica que a Banda Desenhada exponencia a leitura e a oralidade assim como a interpretação devido à atuação dos balões.

A somar a isso, junta-se também o trabalho da imaginação, essa fase infantil em que a história nos coloca o desafio de ir idealizando e, sendo apoiado por imagens como o caso da Banda Desenhada, voltar a colocar em evidência esse trabalho junto desses alunos.

O processo educativo abandonou a imagem durante algum tempo e a ideia é que os alunos voltem a interiorizar a imagem plástica, que coloquem essa imagem a falar sendo que o leitor deixa de ser o sujeito passivo da leitura e torna-se autor da sua própria imaginação e da sua própria história, pois a própria leitura pode ser encarada de diversas formas dependendo do tipo de leitor. A Banda Desenhada, devido às suas características, vai-nos indicando um caminho por não ser simplesmente uma narração. Essas características levam a que sobressaia um prazer, uma sensibilidade e um apuramento dos sentidos inerentes à leitura.

As funções mentais dependem muito das sensações que os jovens podem ou não usufruir ao longo da sua formação (Pereira, 2013, p. 94).

Vasco Azinheiro no seu trabalho de mestrado remete para Alan Moore, um argumentista inglês de Banda Desenhada. Este destaca que a Banda Desenhada apresenta um estímulo cerebral bastante completo. Durante a sua leitura, a parte direita do nosso cérebro (o subconsciente que está ligado à imagem) é estimulada tal como a parte esquerda (verbal e racional). A Banda Desenhada estimula ambos os lados e partes do cérebro que estão obscurecidas no quotidiano tal como o estado de criatividade por exemplo e desperta outras competências e possibilidades (Azinheiro, 2014, p. 61).

Também Margarita, Bedoya e Eva Eganã na revista *Tabanque* de 1989 listam uma série de competências que a BD pode conjugar no ensino:

(...) - Favorecer la combinación de técnicas de trabajo en grupo, individualizado, crítico o creativo
(...) – Fomentar la creatividad yendo desde la tarea colectiva hasta la elaboración propia o personal.(...) – Dar a conocer determinados valores morales. – Reconocer determinados prejuicios que pueden aparecer en los personajes o en situaciones dadas. – Posibilitar la capacidad de crear sus propias historietas. – Desarrollar la capacidad de valoración crítica. – Favorecer la aplicación de las informaciones adquiridas. (...) – Fomentar la valoración en cuanto a un personaje o situación. (Bedoya & Egana, cit. Serra, 2016, p. 56)

O facto de se ter de enquadrar tudo num desenho sem perder a mensagem, é um desafio enorme pois a capacidade de entendimento do leitor é a grande meta na conceção de uma Banda Desenhada. Para além disso, a banda desenhada tem como norma deixar mensagens subjacentes nas falas ou nas imagens, coisa que os alunos também tiveram em conta. (No exemplo este padrão verifica-se nas roupas usadas, onde cada nação têm um vestuário próprio, e se os virmos isoladamente, conseguimos descobrir a sua nacionalidade). Solé (2011) afirma que com recurso à BD os alunos desenvolvem o seu conhecimento histórico uma vez que esse próprio recurso “propicia nomeadamente: “A riqueza dos desenhos com detalhes históricos e geográficos podem ser trabalhos na sala de aula (ao nível do vestuário, adereços, transportes, espaços diversos); A conjugação do texto com a imagem é um elemento facilitador na linguagem e por consequência na aquisição do conhecimento histórico; Permitem comparar factos históricos narrados na BD com posteriores pesquisas realizadas para aprofundamento de determinados conteúdos;” (Cardoso & Solé, 2018).

Por fim, a competência da narração e da discussão entre os pares, onde a defesa do seu ponto de vista ou proposta para os “quadrinhos” tem de ser fundamentada, um exercício seria o da construção individual outro completamente diferente é o da construção em grupo de um trabalho, o que os leva a trabalhar também as competências atrás referidas.

O facto de ser uma turma com graves problemas de comportamento e atenção despertou desde cedo uma vontade de tentar realizar um trabalho assente nestas premissas e técnicas e na busca de constantes soluções e desafios.

Desta forma, parece-me claro que num ensino onde se potencia e privilegia os sentidos, a Banda Desenhada pode ter essa função de reorganizar configurações e apurá-las.

4.1 Aula Oficina

“Qualquer improviso poderá servir para captar o interesse desde que isso seja feito com arte” (Barca, 2004, p. 131). É com este impulso que creio que o trabalho no modelo de aula-oficina se poderá enquadrar no projeto que tenho vindo a realizar. Também Lee (2001), afirma que este modelo faz dos alunos e professores protagonistas neste tipo de ações.

Os estudantes nos dias de hoje apresentam uma necessidade de atividade maior, mais dinâmica e concentrada para a tarefa. Desta forma, a Banda Desenhada cumpre essa tarefa no processo de ensino aprendizagem onde a construção de uma ferramenta fará com que os alunos durante a sua construção entendam e percebam conceitos e os trabalhem. Também os professores têm de estar conectados nesta opção pois o seu papel é fundamental para a conclusão da tarefa. A aula oficina fará com que o aluno seja um individuo capaz de aprender e o professor um facilitador de conteúdos e estratégias. A Narrativa Histórica é também um ponto fundamental, onde os alunos, no seu tempo e com o seu conhecimento terão a tarefa de construir e contar os factos historiográficos que para estes transmitam conhecimentos, interrogações e leituras dos vários pontos de vista acerca dos temas escolhidos para a realização deste trabalho. Não basta apenas colocar na Banda Desenhada o que nos é transmitido factualmente, tem de existir um espaço para interpretação e leitura desprendida de lados da história.

Neste entendimento um dos pilares fundamentais foi a aula oficina onde tentei que a aula se tornasse mais interessante para os alunos fazendo-os sujeitos de ação. Assim não desejava ter uma abordagem simplesmente narrativa, mas sim um exercício conjunto, com um objetivo definido e alcançável, aglomerador e um trabalho colaborativo. Realço, portanto, que a construção de um livro poderia ser o objetivo final a atingir e o uso da construção de bandas desenhadas o método de aprendizagem, onde se podia desenvolver a perspetiva histórica e a sua problemática. Conseguiria também com esta proposta trabalhar a construção de narrativa e ir entendendo através do modelo de aula oficina qual o estado de conhecimento dos alunos e quais os recursos que poderiam ser uteis para a sua aprendizagem conjugando assim o trabalho desenvolvido e as aprendizagens adquiridas.

Voltando a Isabel Barca (2012, p. 37), a “Educação histórica tem a preocupação em contribuir para aquilo que, talvez, falte ainda no panorama global dos trabalhos em Ensino da História (e de alguns outros saberes): ligar a teoria à prática”. E é a partir desta premissa que me parece que este modelo se adequa ao projeto que pretendi desenvolver. Assim, o ensino da história deve ocorrer a partir de situações reais de aprendizagens em contextos concretos, mas em que os seus resultados possam após a sua análise serem impressos em diferentes ambientes educativos. Com este modelo é possível que as aulas otimizem nos alunos um “pensamento histórico genuíno”. Assim, o aluno é

também visto como um agente do conhecimento e as aulas serão reflexo dos seus produtos, daí ajudar na sua integração. Já os professores seguindo as regras da Educação Histórica devem aproveitar os documentos históricos, procurar explorar as suas mensagens e diferentes posições.

Confrontar documentos, confrontar a sua validade e intenção e saber selecioná-las e explicá-las. Colocar o aluno no papel do “nós” e o dos “outros”, para que este interprete o mundo conceptual dos discentes e as suas maneiras de estar e tentar que na aula essas maneiras sejam replicadas e dirigidas para a aprendizagem nas suas vidas e nos seus objetivos seja entendida no seu espaço e no seu tempo. Levantar questões e novas hipóteses fazendo o conhecimento progredir.

Com este método e a posterior avaliação de resultados em diversos grupos de alunos o ensino da história garante uma melhor qualidade segundo a investigadora atrás nomeada.

Cabe então aos professores ter um papel de investigador que favoreça agentes diretos da aprendizagem e que apresente como recurso documentos mais prescritivos na tentativa de que exista uma progressão no “conhecimento dos alunos e não apenas na reprodução de matérias e conteúdos.” (Cainelli & Tomazini, 2017, p. 17).

Embora a historiografia e o ensino devam estar relacionados o ensino da história em sala de aula pode ou conseguirá responder ao rigor científico da academia. O aluno tem à partida ideias e saberes próprios sobre os temas, mais ou menos profundos. Cabe então ao professor ser um investigador penetrante do tema e organizar atividades que os coloquem a discutir sobre os mesmos, ao mesmo tempo que vai acrescentando profundidade e conteúdos à discussão.

O trabalho deverá assim partir do senso comum para a ciência. A produção de materiais deverá ser baseada num ritmo próprio do decorrer da aula e pensados para a compreensão e contextualização, e ter também como base evidências. Entender estas relações entre “o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspetivado”(Cainelli & Tomazini, 2017, p. 133).

O docente deverá imaginar a aula antes dela acontecer, uma vez que deverá ter de preparar materiais, atividades e ter um papel de investigador. O enfoque estará, durante este trabalho, no desenvolvimento dos alunos e não só nos conteúdos, deverá ter uma atenção especial no construtivismo social e na avaliação que deverá ser contínua e com base em tarefas, entendimento e discurso. Trabalhar ideias, definir questões orientadoras para o desenvolvimento e raciocínio, com base na visão e conhecimento que tem da turma e, após essas tarefas, avaliar a progressão dos mesmos.

Selecionar os documentos históricos e depois orientar os estudantes na análise de materiais, questionando-os, colocando-os no lugar do outro. Ficam assim todos envolvidos no processo e nas conclusões. Essas conclusões, mais aproximadas ou não do rigor científico, devem ser valorizadas, pois assim os alunos entendem onde erraram e quais as motivações e processos e numa próxima oportunidade já tentam não cometer os mesmo erros. É neste ponto que a aula-oficina entra em

contracorrente com outros métodos. Ao dar maior importância ao grupo do que ao que se ensina, este modelo surge também do lado contrário à proposta tradicional de aula-conferência onde o professor tem o conhecimento total e cabe aos alunos receber esse conhecimento e provar que o sabe através de testes escritos (daí que o processo de avaliação desta disciplina tenha entre outras formas o método de teste em duas fases). Aqui interessa tanto as competências desenvolvidas como o conteúdo ensinado. Essas competências devem entender o domínio cronológico, compreensão, profundidade, interpretação e comunicação. O aluno com estas ferramentas deve conseguira interrogar documentos sobre várias perspectivas, procurar pontos de encontro e perceber evoluções sociais. Apesar do aluno ter um papel fundamental no decorrer da aula, o grau de elaboração e velocidade deverá ser propícia a um desenvolvimento coletivo, e a aprendizagem ser gradual.

Neste registo de aula deverá ser avaliado e monitorizado sistematicamente pelo professor a progressão dos alunos, a aprendizagem será um caminho a ser feito, não devendo ser pressionado para o seu fim. A valorização de diferentes pontos de vista, desde que devidamente fundamentados, surgem como uma mais valia que deve ser explorada e incentivada, sendo que cabe ao professor contrariar generalizações e o mesmo professor deve estar preparado para contrariar generalizações e trabalhar a verdade histórica. Este trabalho não é de tudo ou nada é uma questão de progressão. A aula-oficina permite ainda perceber onde os alunos se localizam em termos de entendimento e conhecimento e com essas ferramentas poder usar o espaço de sala de aula para redefinir e pensar noutras estratégias mais apelativas que consigam captar atenção e monitorizar a mesma com o objetivo sempre de concretizar as aprendizagens essenciais.

4.2 A construção de narrativas

Neste estudo, a questão da narrativa apresenta uma função determinante. Não só pela sua importância como forma pedagógica, mas também pelo entendimento e as características da turma em questão e do projeto a levar a cabo. O uso da narrativa tem sido alvo de mutações ao longo do tempo, mas na verdade tem ganho muita importância no desenrolar do mesmo.

Em Portugal, a narrativa histórica tem também sofrido essas alterações e por vezes desconfianças, exemplo disso é o período entre os anos 1970-1980, onde os programas curriculares assentavam geralmente na análise séptica dos “complexos histórico-geográficos” (Barca & Gago, 2004, p. 329). Esta análise fria levou a um afastamento da comunidade devido à forma estéril e fria com que abordava os temas. Os temas devem ser abordados numa perspectiva de existência, de realidade e aproximação, o mais que se possa para levar o aluno o mais perto possível do acontecimento. Lloyd cola a forma narrativa a um modo de apresentação, “o ser humano é apenas um ator, é um agente no

seu tempo e desta forma a história deve dar-lhe relevância” (Barca & Gago, 2004, p. 30). Nos atuais currículos foram definidos momentos chave ou momentos de rutura, são episódios fundamentais para o entendimento dos acontecimentos. Nesses acontecimentos isso é verificado. A narração da vida quotidiana é extremamente importante para o entendimento social e cultural das épocas em questão.

A narração histórica em contexto de sala de aula passa pelo relato de processos e acontecimentos do passado, assim as narrativas têm um forte peso no pensamento e apresentam um modelo central no ensino/aprendizagem da história.

Existem vários críticos afirmando que a forma da narrativa ser delineada pelo historiador que cria ficções verbais e de entendimento, poderá não respeitar um certo distanciamento, existir uma manipulação do entendimento histórico, assim como o risco de ficcionar sobre os temas. Tentou-se, assim, que o professor se cingisse apenas às evidências factuais neutralizando a subjetividade dos temas. No entanto, mais tarde, Marx e Comte contrariam esse pensamento. Até aqui o primeiro compromisso seria para com a evidência e essa frieza de entendimento da mesma serviria para a maturidade da ciência.

Gallie (1964), afirma que a história é em si uma narrativa explicativa acerca do comportamento humano. Esta deve assentar em evidências. Atkinson (1964) atribui à narrativa uma vertente explicativa de recontar os acontecimentos coerentemente, não respondendo apenas ao como, mas também ao porquê dos acontecimentos históricos.

Segundo Barca e Gago existem ainda neste momento quatro vertentes que definem a narrativa histórica: narrativistas, relativistas, estruturalistas e estruturistas (Barca & Gago, 2004, p. 32-34).

Os narrativistas (como Atkinson) estão do lado em que a própria estrutura da produção histórica é como uma teia entre a descrição e a explicação. Positivistas (Rankeana, por exemplo) atribuem à narrativa o simples papel de descrição do acontecimento. Os relativistas afirmam que a produção histórica é apenas uma representação de algo que não podemos afirmar que aconteceu, algo que poderá ser meramente ficcional.

A narrativa passou então a ser aceitável se for consistente e de acordo com as evidências, apresentando à História várias possibilidades de fim, e vários pontos de vista. Atkinson (cit. por Barca, 2004) divide em cinco partes o bom uso da narrativa histórica deixando assim algo metódico ou manual com que se pudesse trabalhar:

1. Variedade de fatores seccionados;
2. Pluralidade de causas;
3. Particularidade de fatores;
4. Importância relativa de causas;
5. Distinção entre causas de longa duração e as imediatas.

Como Marx e Comte sugeriram, afirmando que a explicação meramente científica da realidade social não chegará para estabelecer uma previsão para o futuro. Que a discussão deve ser dialética e alargada tendo em conta o contexto social e o funcionamento quotidiano da vida dos demais e não apenas o facto científico, pois isso poderá retirar o contexto da evidência. Hoje em dia esta discussão não existe, pelo menos nos termos que estava colocada na altura uma vez que “a produção histórica é vista como uma teia intrinsecamente descritiva-explicativa” e foi esta teia que tentei ir desenvolvendo ao longo do ano.

O retorno da validade da Narrativa, vai na tentativa de reabilitar e ensinar o público em geral, porque só na narração poderá ser encontrada a resposta a muitas das perguntas colocadas. Segundo Barca (2014), o historiador tem de ordenar, seleccionar, hierarquizar o que acha relevante, no entanto deverá existir um cuidado uma vez que a narração pode empurrar a história para longe da ciência e aproximá-la da disciplina literária. Bonifácio, (cit. Parente, 2004, p. 17), afirma que o entendimento da narrativa não pode ser só a reprodução de facto nem de acontecimentos, tem de existir uma teia que os ligue, pois, a história é narrativa, mas nem toda a narrativa poderá ser História podendo mesmo descaracterizá-la.

“(…) A narrativa de uma história conjuga a ordenação dos acontecimentos numa sequência temporal, com a simultânea disposição desses acontecimentos em função de uma intriga que os relaciona causalmente.” (Morales, 1995, p. 118) indica as duas dimensões que para ele constroem a narrativa: a dimensão episódica e a configurante. A primeira desperta curiosidade para o que aconteceu e a segunda para o porque do acontecimento.

Existem prudências que se devem ter no seu uso em sala de aula uma vez que o professor tem o completo poder de integrar ou retirar personagens ou factos, é ele que define como começa a história e onde termina. Este não se deve deixar influenciar por emoções, ideologias, mas deve encaminhar os estudantes para a discussão de vários pontos de vista e deixá-los crescer durante esse processo.

Husbands (1996) (cit. por Parente, 2004, p. 30) apresenta ainda outra questão que não é em nada mais importante. A narração obriga também a um comprometimento do recetor. Este deverá questionar, examinar e procurar evidências.

A narração é um instrumento de ensino que facilita a compreensão, mas o fim não é o instrumento, mas a própria compreensão do passado. Assim os alunos não devem só ouvir as histórias, mas contá-las também e perceber o seu sentido logico, cronológico e critico.

O uso da narrativa nas aulas de História deve ter em conta também quem está do outro lado, nomeadamente o aluno, para que possa existir um diálogo entre as duas partes. A sua preparação, por parte do professor, tem de assentar na fabricação de vários ângulos para procurar aguçar a discussão

e a desconstrução de noções históricas edificadas e do senso comum, e transformar essas noções num pensamento mais flexível.

Existe ainda outro perigo, para que Lee alerta (Parente, 2004, p. 35), como experiência um estudo que desenvolveu no Reino Unido, em que os alunos se sentiam afastados da história como disciplina e afirmavam não gostar da mesma, nem das matérias, o que estes gostavam era das histórias apresentadas na televisão ou em livros o que faria com que os alunos aprendessem a histórias mas não os acontecimentos.

Greene (1994), apresenta uma reflexão que em muito influenciou este projeto quanto ao seu modo de atuação. Este autor refere também que uma coisa é os alunos absorverem a informação, outra coisa é conseguir fazer deles agentes ativos e autores de pensamento crítico que é o trabalho que realizam na BD e que vai ao encontro dos seus interesses segundo Lee.

Já em Portugal, pretende-se que se estudem personagens históricas singulares, atrativas, especialmente quando os jovens atravessam um estudo de épocas mais românticas. E pode ser complementado o seu estudo com o uso de um imaginário ficcional, este devendo ter o cuidado para respeitar uma metodologia adequada e verdadeira.

Para os professores o uso da narrativa, segundo apresentado no conteúdo, tem como receio a ficção, e a sua valência uma função motivadora.

Para os alunos, estes compreendem a mensagem, mas muitas das vezes têm uma compreensão fragmentada sobre o tema, se bem que globalmente entendem a mensagem Britt, Rouet, Georgi, Perfecti (1994). Para compreender essas causas, os alunos têm de ser capazes de construir uma representação da estrutura narrativa do texto que detete as relações causais temporais entre os acontecimentos, mas, para além dessas relações, os alunos deveriam ainda memorizar informação mais detalhada sobre os acontecimentos, como datas, indivíduos. Existe um lado em que tendem a reformular a informação recebida quando a voltam a transmitir.

Para Lloyd (1995), talvez a posição que mais se encaixa neste relatório será o de fazer da narrativa histórica uma ferramenta de descrição e explicação apoiada numa perspetiva de método e ação.

Assim, o uso da narrativa histórica tem lugar na metodologia que uso no decorrer do projeto. A ordenação, seleção de acontecimentos e a sua narração é trabalhada como se de uma teia se tratasse. Fica assim explanado que não existem acontecimentos isolados, sem causa-efeito. Cabe à narrativa esse trabalho de esclarecimento, mas também a de criação de alunos ativos que contem os acontecimentos pelas suas próprias palavras exercendo o seu espírito crítico e sua imaginação.

5. Metodologia

A metodologia usada neste projeto procurou responder à questão de investigação: *a banda desenhada, poderá ser uma ferramenta válida para o ensino especialmente em contextos mais desfavorecidos?* Especificamente, pretendia analisar a sua validade quanto à construção de narrativas, comportamento e empenho, trabalho entre pares e aquisição de conhecimento.

Referi já anteriormente que o uso da imagem é uma constante nos dias de hoje. A imagem, a cor, o símbolo é cada vez mais usado até à exaustão por quem pretende transmitir uma mensagem. Desta forma, é impossível dissociar a imagem dos processos educativos uma vez que os alunos de hoje vivem essa realidade e as suas competências também têm de estar de acordo com estas dinâmicas (World Economic Forum, 2015).

O projeto de investigação pretende desenvolver a relação ensino-aprendizagem através da imagem e a sua relação com o ensino. Encontrar métodos que sejam mais dinâmicos, mais motivadores e com fins positivos na aprendizagem sem esquecer o perfil do aluno e a importância da História nos dias de hoje e nas suas vidas. Assim, devemos conseguir entender a validade do uso da imagem para a assimilar conhecimentos na disciplina, mas também como a sua presença na sala de aula influencia o autoconceito académico deste grupo de estudantes.

Em última análise entenderemos se esta metodologia facilita ou não a consolidação dos conteúdos, avaliamos a estratégia e se o autoconceito académico sofre alterações ao longo deste período e com ele os resultados obtidos. A metodologia usada é de cariz qualitativo, como em outro estudo deste género, aplicando uma perspetiva descritiva, usando como técnica a análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Foram lidas durante este estudo todas as respostas aos questionários e alinhadas as respostas comuns. Este processo foi baseado no *Self Concept as a Learner Scale (SCAL)* de Waetjen (1972) e incluiu as suas quatro dimensões: motivação, orientação para a tarefa, confiança nas capacidades e relação com os colegas.

Este projeto na prática dividiu-se em várias etapas. A primeira em que se avaliou a sua validade junto dos alunos e o seu interesse. Após alguma reflexão sobre a turma entendi que um trabalho mais prático do que o habitual poderia ser benéfico tendo em conta o contexto em causa. Após essa primeira fase, tive de delinear o projeto, as planificações de aula (ver anexo II, p.59), como iria proceder na prática assim como tentar encontrar uma ajuda do ponto de vista gráfico, tanto no digital como no analógico. Depois de tudo isto alinhado parti então para a parte prática na sala de aula.

Começo pela forma como são escolhidos os conteúdos. Estes conteúdos foram definidos desde o início do projeto e sugeridos aos alunos e ouvindo as suas propostas. Enquanto isso existiram aulas expositivas sempre aliadas a recursos (imagens, filmes, pequenos jogos) numa tentativa de transmitir

os momentos-chave das matérias, e os alunos devem ir retirando notas sobre as mesmas, ideias essas que desejam que venham a ser integradas na Banda Desenhada.

Após a conclusão da matéria, um aluno fica responsável por fazer um pequeno esboço no quadro e outro aluno o esboço no caderno. O aluno que fica no quadro vai ouvindo as ideias e opiniões dos colegas e criando uma Banda Desenhada de acordo com a vontade de todos e tendo em conta as notas que foram tiradas anteriormente e do que se vão lembrando. Importa que esta Banda Desenhada tenha sempre elementos que contextualizem o tempo, a cultura social e tenha alguns pormenores em que eles se revejam. Já o outro aluno que fica responsável por fazer a Banda Desenhada numa folha específica para o efeito, tem a responsabilidade de a transcrever com brio e mais cuidado do que o croqui que se está a ser feito no quadro, pois este no final é entregue ao professor e é o que segue para o desenhador.

Após essa entrega, o desenhador que nos acompanha voluntariamente devolve a Banda Desenhada concluída para ver se os alunos desejam fazer alguma modificação. Caso esteja corretamente realizada este processo está concluído, caso seja seu desejo e se justifique retorna ao desenhador e o processo repete-se.

A título de exemplo deixo em baixo o primeiro esboço de Banda Desenhada que foi realizado pela turma do 9º ano em questão.

O tema em causa é a “Primeira Guerra Mundial” e começa por enquadrar o acontecimento da Conferência de Berlim e a sua data de realização. Apesar do discurso não ser muito complexo como se vê nas falas, não é uma coisa que me desagrade, uma vez que o que interessa é que exista uma linguagem simples, que seja facilmente entendida como é a deles. Outro facto presente é também o vestuário onde vimos três militares do lado esquerdo com chapéus/capacetes que se identificam com países ou regiões, tal como o português surge nos trajes mais tradicionais e populares como os conhecemos.

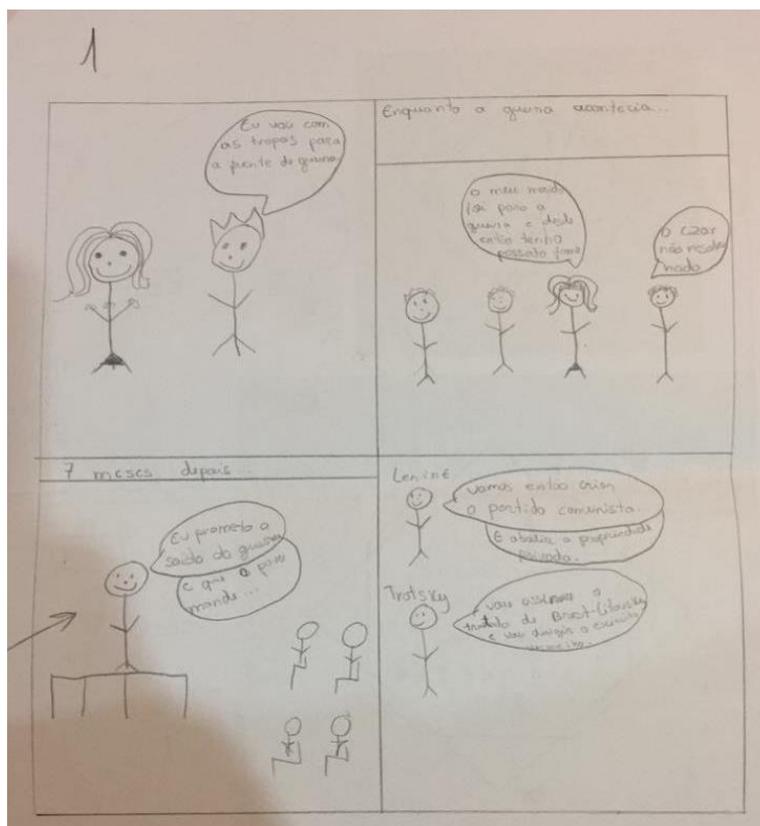


A Primeira Guerra Mundial (trabalho concluído)

(Figura 1)

Na segunda fase temos novamente esse pormenor onde os capacetes voltam a identificar os países das diferentes alianças. A sugestão deles foi fazer duas caixas de texto onde ficasse claro os dois lados. A vantagem é que desta forma é fácil identificar os mesmos e, ao registar esta imagem na nossa memória, é mais fácil saber quais os países que constituíam tais alianças.

Já o segundo exemplo é sobre o tema da Revolução Soviética, apenas para o esboço do aluno encarregado de o fazer. Começamos por ver Nicolau II em conversa com a sua mulher no momento que decide deixar o Palácio de Inverno e ir para a Frente de Guerra e vimos também uma forte contestação social contra o Czar e as suas opções. Por baixo temos Lenine falando com as massas populares expondo as suas ideias para o país e quando decide criar o Partido Comunista da União Soviética e Trotsky assina o Tratado de Brest-Litovsk.



A Revolução Soviética (esboço)

(Figura 2)

Para além disto, a Banda Desenhada tem um valor que me parece bastante importante de referir. Este é um trabalho feito por alunos e que pode no futuro ser usado por outros alunos para melhor entender as matérias. Este valor de utilidade do seu trabalho tem-se verificado como um dos fatores de motivação mais importantes neste processo. Saber que no futuro o seu trabalho pode ser utilizado para outros aprenderem, eleva a sua autoestima.

Existem, assim, pormenores que só quem cria as bandas desenhadas entende facilmente. Traçando um paralelismo com um encenador numa peça de teatro, este desenha os movimentos e a entoação das falas e só ele é que sabe o sentido que lhes está a dar, o mesmo acontece na composição da banda desenhada.

Uma das atividades propostas seria um conjunto de exposições diluídas no tempo das Bandas Desenhadas que se iam criando. Esta atividade, localizada na escola faria com que todos os alunos da escola pudessem ver o trabalho realizado por esta turma. A proposta envolveria a criação de uma série de painéis corridos num corredor com impressões em larga escala. Esta proposta tinha também em vista o reforço da autoestima e a forma como estes alunos são vistos na própria escola, (como uma turma problemática). Com esta apresentação do seu trabalho mostrariam as suas potencialidades, para além de exporem conteúdos de história a todos os que a fossem visitar.

No entanto, quando estava para arrancar a atividade a escola encerrou e já não foi possível desenvolvê-la. Contudo, parece-me interessante esta exposição pública do trabalho e recomendo que seja feita, mesmo neste contexto de interrupção do ano letivo, como propus ao professor orientador. Embora vários alunos transitem de ciclo e não estejam presentes no próximo ano letivo naquela escola, parece-me um projeto válido para a aproximação da comunidade escolar com a história e a expressão artística.

6. Análise do processo de implementação do projeto: o impacto no processo de ensino e aprendizagem

A análise de competências dos alunos durante este processo foi bastante habitual uma vez que o próprio desenho do projeto e a própria turma fizeram-nos desenhar essa análise de forma diferente do habitual. Uma vez que a turma apresentava comportamentos muito oscilantes foi valorizada a avaliação contínua, a avaliação aula a aula, participação, empenho entre outros parâmetros. Para além desses métodos eram também valorizadas as notas que os alunos retiravam, pois serviam para não só para a construção da Banda Desenhada, mas também para uma habituação de retirar informação e organiza-la, isto numa turma onde no início nem todos levavam sequer caderno ou outro material.

Para além dessa valorização eram usadas com alguma frequência algumas fichas para ordenação cronológica de acontecimentos, fichas para definição de conceitos. Este material tinha sempre como fim e era desenhado para que quando estivesse concluído pudesse ser uma ferramenta não só de apoio ao estudo, mas também que contivesse alguma informação do estilo de um guião para poder construir a Banda Desenhada com algum rigor.

Outro parâmetro de avaliação como não poderia deixar de ser eram os contributos, argumentos, agilidade de proposta, criação de diálogos nas tarefas de construção da Banda Desenhada assim como o respeito, o comportamento e a ordem de comportamento na realização da tarefa.

Um instrumento de análise de competência são os testes em duas fases. Este tipo de testes foi sugerido e discutir comigo e com o Professor João Santo, analisando que em alunos com problemas de aprendizagem, o simples “teste” pode trazer alguns problemas e não refletir os resultados uma vez que existem graves problemas de interpretação, leitura, escrita, um nervosismo bastante acentuado nesses dias e que portanto o uso de outra fase de avaliação era uma mais-valia e um melhor reflexo da aprendizagem. Com este tipo de avaliação os alunos na “segunda fase” do teste conseguem retirar melhores notas, mas mais que isso, conseguem ver onde erraram e corrigir essas falhas. Assim o aluno faz o primeiro teste e o professor comenta as suas respostas permitindo e indicando assim um caminho para ultrapassar estas falhas.

No processo de ensino/aprendizagem vários autores alertam para os desafios de grupos/turmas com este perfil: “Baixa autoestima e falta de confiança nas suas capacidades; dificuldade de concentração; pouca persistência e perseverança quando confrontados com constrangimentos/obstáculos; relações interpessoais conflituosas; pouca flexibilidade perante a apresentação de outras dinâmicas pedagógicas; dificuldade na concretização das tarefas com qualidade; indiferença ao *feedback* do professor, estando mais focalizados na nota/avaliação

quantitativa; ansiedade perante momentos de avaliação, pelo que pretendem que passem o mais depressa possível; falta de acompanhamento dos Encarregados de Educação em casa.” Sendo a avaliação um dos fatores mais pesados no contexto de avaliação escolar este perfil de alunos necessita de instrumentos diferentes que de facto valorizem o seu trabalho uma vez que não me parece junto enquadrá-los nos instrumentos standard de avaliação.

Este tipo de testes seguiu orientação da investigação de De Lange, com perguntas de resposta curta e fechadas. Os testes eram desenvolvidos pelo professor sem classificação para poder existir o *Princípio de carácter positivo da avaliação*. Após esta entrega o aluno volta a trabalhar o enunciado, mas de novo de forma autónoma. O aluno vai assim trabalhar sobre os seus erros e avaliamos não só o seu conhecimento tácito, mas também a sua evolução. O processo de classificação respeita as escalas definidas à priori e a natureza holística.

Segundo autores como Leal (1992) ou Menino (2004) a segunda fase do teste pode ser realizada em casa, no entanto surge-me alguma desconfiança se não existirá uma ajuda externa na sua realização que poderá não corresponder à realidade de conhecimento dos alunos “(...) há uma outra [condição] que se sobrepõe a todas as outras pela importância que apresenta: desenvolver um teste em duas fases pressupõe encarar sobretudo a avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem, que se desenvolve num clima de respeito e de confiança mútua. Só se ensina quando acontece aprendizagem. Tanto professor como aluno são pessoas de bem.” (Pinto & Santos, 2006, p. 17).

Outra das questões que este sistema levanta é o tempo gasto, para além da correção de dois testes, soma-se ainda o trabalho de comentar as respostas o que em professores com pouca experiência requer ainda mais tempo, e que no meu caso revia tudo variadas vezes e confrontava sempre a informação com os documentos históricos. Também apresenta uma responsabilidade acrescida uma vez que os resultados obtidos dependem muito dos comentários dos próprios professores.

Este método tem ainda outra vantagem para o professor, se existir um erro coletivo é provável que tenha sido uma falha do professor em transmitir o conteúdo, devendo reforçar e voltar a esse trabalho.

6.1 Análise de Resultados

Como análise de competências existiram dois inquéritos ao longo do ano letivo, um primeiro que contava com 12 questões sendo o seu objetivo o entendimento sobre qual a relação dos alunos com os livros, com a leitura e com a banda desenhada, elaborado na aula (ver anexo III, p. 60) com

perguntas a título de exemplo: “*Quantos livros de BD já leste?*”, “*A Banda Desenhada é um instrumento bom para as aulas ou deve ficar como instrumento de entretenimento?*” e um segundo, sobre o autoconceito académico, para avaliar os resultados do projeto, uma vez que hoje o ensino coloca a necessidade da transmissão de conhecimentos não ser a única preocupação para o crescimento intelectual dos alunos, existem também aspetos cívicos e socioculturais, mais uma vez a título de exemplo: “*Confiança nas Capacidades (por exemplo, durante a criação de Bandas Desenhadas expuseste as tuas opiniões sem receio, sentes-te agora mais capaz de concretizar com sucesso as tarefas pedidas nas aulas de História e até mesmo de ajudar os teus colegas)?*”; “*Foi positiva a iniciativa na escolha das temas, assuntos e matérias a estudar ser feita não só pelos professores mas também por ti e pelos teus colegas? (por exemplo, conseguiste perceber como podes utilizar os conhecimentos das aulas para melhorar as tuas aprendizagens? A organização da Banda Desenhada ajudou-te a ter mais à-vontade para colocar questões sobre os temas abordados nas aulas e a contribuir para o trabalho do grupo?)*”.

Analisadas as respostas como objetivo interpretar e compreender o material recolhido de forma a conseguir responder às questões da investigação verificamos que os alunos consideram a Banda Desenhada como uma boa ferramenta para ser utilizada na sala de aula afirmando que com a Banda Desenhada “*aprenderam melhor as matérias*” o que comprova que esta estratégia resultou.

Através das suas respostas verificamos que quanto à motivação todos afirmaram que a estratégia adotada deu um contributo positivo e aumentando, mesmo o desejo de participar na aula - “*Senti bastante motivação só queria que me chamassem para ir ao quadro, a matéria já parecia do 4º ano.*”

Quanto à orientação para a tarefa todos os alunos que responderam ao questionário afirmam que foi um contributo importante e que as imagens os ajudavam no seu estudo e se empenhavam mais.

A confiança nas suas capacidades foi também reforçada uma vez que todos participavam na construção da Banda Desenhada o que fazia com que expusessem as suas opiniões e defendessem as suas ideias e por fim na relação com os colegas este trabalho foi também positivo uma vez que afirmam que as relações melhoraram e que funcionam melhor em grupo do que individualmente como esta resposta nos transmite: “*Com esta BD pude notar que a tura estava mais unida para conseguir assim fazer um bom trabalho e conseguimos ajudar-nos uns aos outros.*”

Sendo a História uma área científica onde os factos mudam, o ensino tem de estar preparado para lidar com estas características inerentes à mesma. O objetivo foi o de entender qual a avaliação que tinham feito da estratégia de uso de Bandas Desenhadas enquanto à sua motivação e quanto à sua compreensão e entendimento. Sendo estes alunos, como refiro no início deste relatório, de uma geração aliada à imagem, tentei perceber se as imagens eram de facto instrumentos que os fizessem

entender melhor os conteúdos. Esta ferramenta da banda desenhada leva os alunos a uma maior proximidade (empatia) com a história, uma ligação afetiva-motivacional influenciando o seu desenvolvimento. A própria escola é então responsável pelo seu desenvolvimento pessoal e social e uma ferramenta de consciência das suas capacidades para o futuro. Apesar do autoconceito influenciar o rendimento não devemos atribuir-lhe toda a responsabilidade, no entanto não devemos também negar a sua importância. “Nesta ótica, o autoconceito académico apresenta-se como um mediador/regulador da aprendizagem e determina a orientação motivacional dos alunos” (Pestana, Dias-Trindade & Moreira, 2020, p. 4). Não devemos desligar o autoconceito de alguns fatores que o influenciam: colegas, familiares, professores e estratégias.

Este estudo tenta assim entender, como já foi referido, como a criação da Banda Desenhada e as suas imagens influenciaram o autoconceito académico nestes alunos.

Foram lidas todas as respostas, e separadas por pontos comuns. Este inquérito foi construído tendo por base o instrumento *Self Concept as a Learner Scale (SCAL)*, de Wartjen (1972), correspondendo às suas quatro dimensões: Motivação, orientação para a tarefa, confiança nas capacidades e relação com colegas.

Ao analisar estes resultados fica claro que o uso e a criação da Banda Desenhada têm um parecer positivo quanto às dimensões acima referidas e quanto à consolidação de conteúdos lecionados na sala de aula, tendo o professor conseguido ir adequando o método e os alunos melhorarem o seu desempenho. Com os resultados expostos podemos afirmar que o uso da Banda Desenhada neste tipo de contextos pode melhorar o autoconceito académico.

O primeiro contou com resultados de todos os alunos (10) tendo sido preenchido na sala de aula e o segundo apenas com nove tendo sido preenchido a partir de casa o que não foi a melhor opção, mas a possível durante os tempos de confinamento.

Desta forma passo a apresentar os resultados de ambos separadamente

Questionário I

No primeiro inquérito entendemos que só metade dos alunos da turma lê com regularidade e que a outra metade simplesmente não lê. Todos concordam que a Banda Desenhada não é uma forma de leitura para crianças, mas sim para o público em geral, dando assim uma noção prévia de aceitação ou pelo menos de não negação a este trabalho. Oitenta por cento (80%) dos alunos concorda que a Banda Desenhada poderá ser usada como instrumento na aula. No entanto apenas sessenta por cento (60%) já leu Banda Desenhada e apenas quarenta (40%) leu uma coleção inteira. Trinta por cento (30%) afirma saber que existem livros de Banda Desenhada na biblioteca da escola no entanto já todos os alunos fizeram requisições de livros na mesma biblioteca o que demonstra que já existe uma relação

ou qualquer hábito de frequentar a mesma e a maioria também já requisitou livros de Banda Desenhada números que correspondem com os que afirmam ter conhecimento que existem livros de Banda Desenhada na biblioteca escolar, curiosamente.

Um aluno afirma que a Banda Desenhada não tem ajudado a melhoria do seu desempenho contrariamente aos outros nove e dois que não tem ajudado a compreender melhor as matérias. Nenhum rejeita a possibilidade deste método poder ser usado noutra qualquer disciplina e todos afirmam preferir este método a aulas expositivas tradicionais.

Por fim, como sugestão apenas dois alunos sugerem o uso de métodos mais interativos e outro mais trabalhos de grupo.

Questionário II

Este segundo questionário como refiro em cima refere-se à avaliação de resultados quanto ao autoconceito académico procurando assim entender a relação entre este e a sua influência da estratégia usada no rendimento dos alunos, não apenas a nível de pedagógico, mas também a nível pessoal. Perceber se o seu grau de interesse aumentou e o seu desempenho académico foi estimulado, sabendo nós através de vários estudos que o desenvolvimento pessoal se encontra relacionado com o nível de rendimento dos estudantes (Faria, 1998), é importante. Entendemos também que os alunos com maior sucesso escolar são os que tem maior confiança em si por exemplo e os com menos sucesso sofre exatamente do inverso, o que significa que trabalhar estes domínios fará com que os alunos somem sucessos e que isso os estimule e lhes de confiança para a realização de tarefas não só na sala de aula como na vida. Tendo em conta que é na idade escolar que essas situações começam a acontecer e têm implicações nas suas vidas futuras. Tentei assim que este estudo criasse uma estratégia com vista ao sucesso do ensino-aprendizagem nestes alunos. A análise das respostas realizadas pelos estudantes é feita em seguida.

a) Motivação

As respostas foram aqui mais distintas, no entanto o uso da estratégia teve resultados visíveis e provocaram uma evolução rápida devido ao interesse que todos tiveram na estratégia. Desta forma, os alunos afirmam que gostaram mais, que foi um facilitador da aprendizagem, aumentou o seu gosto pela aula de História e que ficava mais feliz de ir à aula como por exemplo este aluno que poderemos tratar por António (nome fictício) que responde: “Sim, porque a BD é uma diferente maneira de aprender, principalmente agora neste ano os alunos preferem muito mais aprender dessa maneira, eu sempre que ia para as aulas de história eu ia a pensar na BD e eu ia feliz por saber que ia trabalhar na BD”. Sentiram-se mais motivados e participavam com mais vontade: “Sim, gosto mais e tenho mais

interesse nas aulas de história devido á BD, é algo muito interessante e dá gosto ir às aulas.”, como afirma Afonso. A matéria parecia mais fácil por o método ser mais apelativo, em vários alunos notava-se o interesse crescente e diferente das aulas “normais” para as aulas em que a construção da Banda Desenhada acontecia.

b) Orientação para a tarefa

Todos responderam afirmativamente à questão sobre se a Banda Desenhada os ajudou na organização e empenho nas atividades desenvolvidas, relativa à dimensão orientação para a tarefa. O seu estudo ficou mais organizado e com isso empenharam-se mais e sentiram esse esforço recompensado. Uns estudavam pelas próprias bandas desenhadas e pelos apontamentos que retiravam no desenvolver da mesma, mesmo ao nível avaliativo, vários testes foram efetuados com recurso às bandas desenhadas sendo que essas respostas tinham resultados superiores às aulas.

c) Confiança nas capacidades

A questão da dimensão da confiança nas capacidades onde se perguntava se expuseram opiniões sem receio, se se sentiam mais capazes de realizar tarefas e ajudar os colegas parece-me uma questão sensível devido ao meio onde a turma estava inserida, onde ao início muitos deles não falavam nem respondiam notando-se receio de serem ridicularizados pelos colegas. Portanto todos os alunos com resposta válida afirmam que participavam, e davam as suas opiniões e contributos, quatro alunos afirmam que o faziam sem receio e dois com algum receio. Um aluno afirma que ao início tinha receio, mas que com o desenrolar da atividade o foi perdendo cito: “Sim, durante a criação da BD expus as minhas opiniões embora com algum receio que foi passando”, alias, só desta forma era possível desenvolver este projeto. A constante participação e sugestões da parte dos alunos era o alimento deste trabalho. Apesar de alguns terem notoriamente receio, o respeito dos outros e as perguntas dos professores serem dirigidas fez com que claramente existisse um desenvolvimento nesse sentido e mesmo uma entreatajuda entre eles como se verifica nesta resposta: “Sempre que era para dar ideias sobre o que desenhar a seguir, expus as minhas ideias libertamente e sem qualquer tipo de receio e até ajudar os meus colegas que tinham mais dificuldades na disciplina e encorajei-os a expor as suas ideias.”

d) Relação com os colegas

Neste ponto de relação com colegas foi um dos pontos mais importantes, isto porque desde início era um ponto sensível neste grupo de estudantes e para o qual fui por diversas vezes avisado acerca das suas práticas e das suas relações. Desta forma todos os alunos afirmaram no questionário que esta atividade reforçou as suas relações a vários níveis como por exemplo: “Eu acho que a turma

toda já se dava bem, mas com este trabalho da BD a turma juntou se ainda mais para tentar realizar o trabalho com eficácia”. Funcionou melhor como um todo, existiu um objetivo comum fez com que existisse um espírito de união maior e também de entreaajuda para terem um bom resultado. Nas suas respostas falam de um maior empenho e de uma rivalidade saudável sobre quem dava as melhores ideias ou melhores contributos para ao Banda Desenhada. Melhorou também a ligação com os colegas e a troca de ideias, vários alunos falaram de uma aproximação entre eles: “Com esta BD pude notar que a turma estava mais unida para conseguir assim fazer um bom trabalho e conseguimos ajudar-nos uns aos outros.” Ou “Eu já me dava bem com eles, mas agora gosto de sentir aquela rivalidade de quem responde mais rápido.”

Após estas respostas parece-me positivo esta proposta de trabalho tendo em conta os desafios que as escolas e os alunos sofrem nos dias de hoje. O uso da imagem, mais concretamente da Banda Desenhada e da sua criação nasceu da necessidade de construir estratégias que vão ao encontro do perfil do aluno e do entendimento de conteúdos históricos. Esta atividade, teve resultados significativos e práticos na vida destes estudantes. Se esta afirmação se prende apenas com os resultados obtidos nestes inquéritos saberíamos que o uso da Banda Desenhada foi útil para adquirir conhecimento, mas também aumentou os índices de motivação, atenção e concentração, mas também do ponto de vista mais prático a postura e alteração de comportamento ao longo do tempo foi uma realidade.

No âmbito do autoconceito académico, podemos verificar que em termos globais esta estratégia pedagógica teve impactos positivos. Embora não existam estudos que se possam confrontar diretamente, os alunos avaliam esta estratégia positivamente motivadora para a sua aprendizagem. É notório que quanto à motivação as avaliações foram positivas, tal como a orientação para a tarefa ajudando os alunos a estruturar e estudar os conteúdos através das imagens e da Banda Desenhada. No que toca à confiança nas suas capacidades os alunos referiram que faziam intervenções sem medo de errar devido ao método de construção coletiva que era usado. Na última categoria de relação com os colegas, esta estratégia reforçou e melhorou as suas relações, não só entre pares, mas também a nível de grupo/turma, vários deles afirmando que os contributos de todos enriqueciam mais o trabalho do que se este tivesse sido feito individualmente.

Concluindo, podemos afirmar que o uso desta ferramenta é válido para o contexto em causa, para a consolidação de conteúdos e para o autoconceito académico nas suas variadas dimensões. Por fim, a importância da imagem nas nossas vidas é mais que evidente pelo que deve ser inserida e trabalhada integrando-a no processo pedagógico, esta não poderá apenas ser colocada na sala de aula mas deve envolver o pensamento “dos atores envolvidos, para além das implicações que devem ser concretizadas no plano da reconfiguração dos novos ambientes de aprendizagem” (Pestana, Dias-Trindade & Moreira, 2020, p. 10).

7. A construção de um Livro/ Ebook

Neste capítulo, vou começar por explicar o que desejaríamos inicialmente e qual e o porque das alterações em relação ao produto final.

Existiam assim duas premissas essenciais para a criação deste produto. Primeiramente, poderíamos optar por ficar com as Bandas Desenhadas apenas para nós e os alunos viam e guardavam e os professores faziam o mesmo, no entanto pareceu-me que poderia existir algum potencial neste produto que poderia ser usado por mais pessoas ligadas ao ensino ou mesmo simples curiosos que gostem de ler Banda Desenhada ou se interessem por história. A segunda questão era que os alunos envolvidos pudessem mostrar publicamente o seu trabalho e sentir orgulho nele, daí que idealmente e estava previsto que existisse uma apresentação publica deste livro aos demais colegas e docentes da escola.

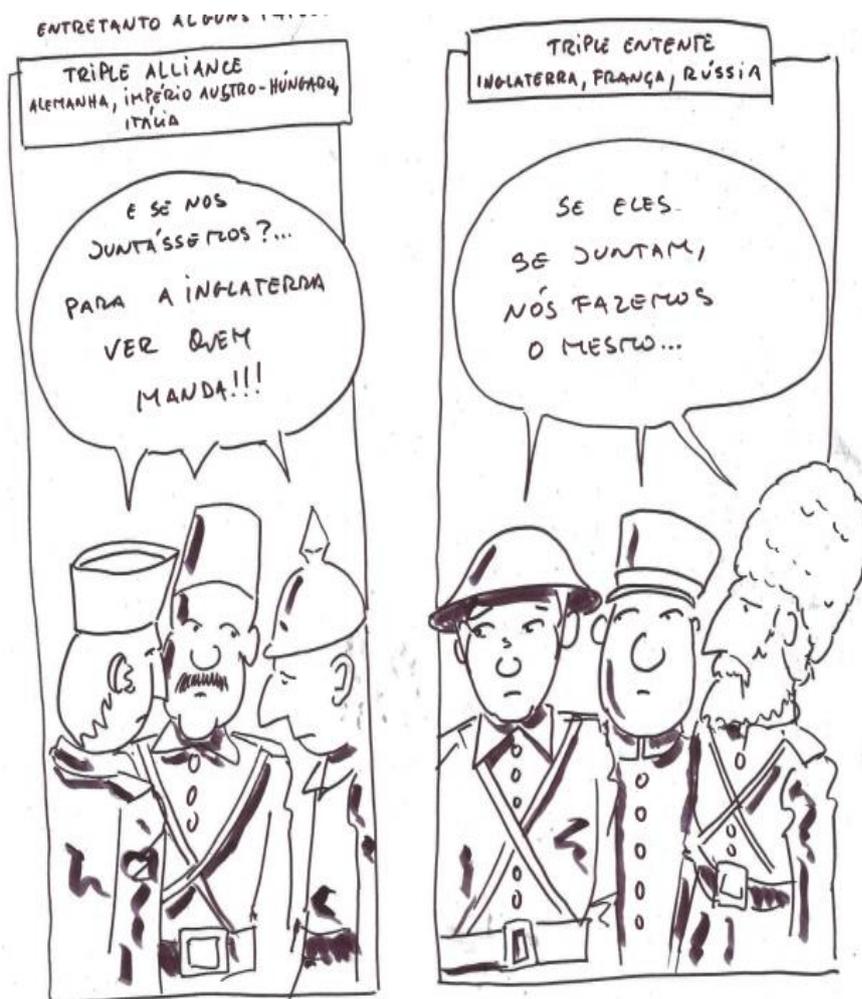
O conteúdo do livro é de seis acontecimentos históricos começando pela Primeira Guerra Mundial (1914) até ao Estado Novo (1970), contando com cerca de 32 páginas, e o objetivo seria o de ter mais matérias desenhadas, mas com o fim das aulas presenciais percebemos que seria difícil fazer o trabalho em conjunto.

Assim, a primeira ideia seria de editar o livro em formato físico, o que nos dias de hoje me pareceu uma tarefa que não teria grande impacto, primeira porque não existiria grande distribuição, ficando assim o livro confluído a uma pequena zona geográfica e alguns curiosos. Após essa verificação, entendi que o melhor seria criar um livro online e que pudesse ser descarregado gratuitamente, tendo assim maior alcance e um custo menor ficando alojado na página da escola e na da Faculdade (ver maquete do livro em anexo IV na p.61).

O livro inicia-se por uma apresentação dos envolvidos, e deixo apenas esta nota uma vez que pode parecer estranho que só apareça o primeiro nome de cada um dos alunos. Esta opção, discutida com o professor Orientador João Santo, tem em conta uma questão de privacidade a que alguns alunos estão sujeitos por variadas razões.

Feita esta primeira introdução, vou apenas fazer referência alguns pormenores com recurso a prints que me parecem relevantes em algumas das temáticas abordadas.

Começando pela 1ª Guerra Mundial, o entendimento da constituição da Triple Entente e a Aliança, teve como suporte o uso de fardas militares tradicionais de cada país, tendo os alunos entendido que essa poderia ser uma forma deles saberem e conseguirem distinguir os dois lados.



As alianças na Primeira Guerra Mundial

(Figura 3)

Outro pormenor que me parece importante e que pode passar despercebido é a fala quando um militar chega a um hospital, e ele fala do “tempero da trincheira”, neste “tempero” os alunos referiam-se à utilização do gás pimenta. Esta foi a primeira vez que foi utilizado e a questão do tempero e da pimenta levou-os a não se esquecer de várias inovações em termos de armas desenvolvidas nesse período e que foi até uma pergunta que surgiu num teste de avaliação tendo os alunos respondido acertadamente e quase todos fizeram referência ao gás.



O soldado no hospital

(Figura 4)

Já o segundo cartoon é um retrato da vida nas trincheiras onde sabemos que a existência de ratas e humidade era causa de um número considerável de baixas ficando-lhes na memória as más condições de higiene e alimentação naqueles locais.



A vida nas trincheiras

(Figura 5)

Já no *Horror do Nazismo* (Figura 6), alerta, por exemplo, para esta questão do espaço e dos acontecimentos. À esquerda, temos Hitler a dizer que hoje vão tomar o poder enquanto estão duas pessoas a ouvi-lo e a beber cerveja, os alunos escolheram este enquadramento porque sabemos que a primeira tentativa de Hitler tomar o poder remonta para o acontecimento *Putsch da Cervejaria*, e ao olhar para aquelas personagens de bebida na mão lembravam-se do nome do facto. Tal como na

segunda figura, Hitler está a escrever o *Mein Kampf* e o enquadramento diz-nos que ele está numa prisão enquanto o escreve. Estes elementos foram introduzidos pelos alunos, que a partir de certa altura entenderam que a presença de certos pormenores enriquecia a Banda Desenhada e o seu entendimento.



O Horror do Nazismo

(Figura 6)

Por fim, quanto a este tema, parece-me particularmente interessante esta mistura entre o slogan contemporâneo de Donald Trump dito por Hitler foi sugestão dos próprios alunos (Figura 7). Estes perceberam a questão dos populismos que estão a surgir no mundo que podem ter consequências perigosas e fizeram esta piada quase como um alerta.



Hitler usando slogan de campanha do americano Donal Trump

(Figura 7)

Por fim, deixar apenas mais duas notas. O tema *A Noite mais escura*, advém da proposta do Plano Nacional de Leitura que sugeria que os alunos lessem alguma coisa nos últimos 10 minutos de cada aula, “10 minutos a ler”. Uma vez que os alunos liam no telefone e liam o próprio manual, sugeri ao professor João Santo que pudessem ler a obra *A Noite* de Elie Wiesel e que em vez desta atividade ser feita no final da aula, fosse feita no início. Essa Banda Desenhada advém dessa leitura, não da obra completa, mas de pequenos trechos previamente selecionados para que fosse possível entender a História. O processo teve resultados muito positivos. Como os alunos que tinham e têm imensas dificuldades a ler, passaram a ler em público e a sua dicção e forma de leitura melhorou. Passaram a oferecerem-se insistentemente para serem eles os narradores do livro, existiu uma crescente vontade de terminar o livro e um interesse pela história e pelos conteúdos que ela carrega.

Como já referi, estes alunos retinham muito melhor os acontecimentos históricos pontuais. Desta forma, eu tinha sempre o cuidado de durante as aulas ir alternando com a matéria algumas histórias que procurava previamente. A página abaixo (Figura 8) reflete exatamente esses acontecimentos. A Fuga de António Tereso e Gervásio entre outros, presos em Caxias, que combinou a sua fuga através de mortalhas, se fez passar por informador da PIDE dentro da prisão, era afinal um

herói que enganou a PIDE para ir trabalhar para as oficinas e de lá fugiu num carro oferecido por Hitler ao Presidente do Concelho, António Oliveira Salazar. Enquanto os seus colegas gritavam golo no campo de futebol da prisão envolvendo-se em confrontos combinados no pátio, alguns membros do Partido Comunista Português entraram no carro blindado roubado e conduzido por Gervásio, derrubaram o portão da prisão acabando por conseguir fugir.

Esta fuga que envolveu um alto risco, foi um momento ímpar na resistência ao Estado Novo, e a história desta fuga ficou marcada nestes alunos, tendo proposto a sua colocação como um momento de importância redobrada. Já no último desenho pretenderam representar as fugas “a salto” do nosso país numa altura em que emigraram cerca de meio milhão de pessoas. Nesse desenho surge-nos, também, uma personagem parecida com José Afonso, cantor de intervenção, contudo Zeca não fugiu a salto de Portugal. No entanto, anteriormente tinham colocado a música de intervenção como ato de resistência com o Zeca a cantar “Os Vampiros”, daí que apareça o Zeca quase a chegar a Espanha.



A fuga de Caxias

(Figura 8)

7.1 O impacto do ensino digital na consecução do projeto

Não poderia terminar este relatório sem falar no ensino digital que se tornou a norma a partir de certo momento nas nossas vidas. Este meio veio trazer várias novidades quanto à forma de ensinar e aprender. Neste caso concreto, tentámos dar continuidade ao trabalho de criação de Banda Desenhada. O que se procurou foi dar ferramentas como vídeos, imagens e textos de fácil entendimento para que os alunos pudessem criar pequenos guiões para depois se avançar na criação da mesma.

O que veio a acontecer é que, e como é conhecido, muito poucos alunos e professores estavam preparados para esta nova realidade, a falta de internet capaz de suportar a aula era uma constante, a falta de equipamentos adequados à realização da tarefa igualmente, provando-se muito difícil continuar o trabalho com este grupo de alunos e nestas condições. Embora se tenham feito várias tentativas nunca se conseguiu realizar o trabalho. Isto demonstra que esta estratégia tem resultados substancialmente melhores quando feita em sala de aula, necessitando neste caso de um professor que acompanhe e participe uma vez que se verificou uma extrema falta de autonomia, interesse e empenho. Isto também decorre do facto que esta tarefa envolvia leitura, criação de um guião, desenho e imaginação, que são atividades que quando realizadas em grupo acabam por proporcionar um desamarrar de ideias e uma fluência de pensamento e propostas muito mais natural.

Do ponto de vista de pedagógico aponto duas dificuldades técnicas: a primeira sendo a de desenhar em “direto”, tarefa que era do aluno e agora teria de passar pelo professor devido a toda a confusão de propostas feitas ao microfone, chegando por vezes com um enorme *dellay*; a segunda sendo a falta de uma ferramenta de desenho que se enquadre na aplicação *zoom* ou *meet*, onde se consiga ver os alunos, acompanhar a aula e ainda desenhar com o mínimo de qualidade e visibilidade da janela.

Já na vertente de didática e da aula em si não foi para mim uma preocupação maior. Ao longo do ano as turmas onde desenvolvíamos atividade letiva já faziam imensos trabalhos, fichas entre outras instrumentos de verificação e consolidação de conhecimento através de programas de computador ou aplicações, o que veio facilitar bastante quando tivemos de abandonar o regime presencial.

7.2 Sugestões para futuras implementações

Como sugestão, acho que este tipo de projeto poderá ser realizado em diferentes contextos. Penso que quanto mais multidisciplinar mais enriquecido ficará o seu produto final. Também será interessante que os desenhos sejam mesmo realizados por os alunos (nas aulas de Educação Visual) e o design gráfico do livro também.

Poderia também ser interessante que este exercício fosse feito por turmas de artes e com idades mais avançadas, onde o rigor gráfico e a substância de pequenos elementos poderiam dar um projeto final mais interessante.

Deixo também algumas considerações a ter em atenção em projetos deste tipo, o primeiro é que se tenha cuidado com a exclusiva validade interna e que se esteja sempre a tentar ter um pensamento externo e exterior, de até onde conseguimos ir e de que forma. Esta questão tornou-se mais difícil após o momento em que fiquei sozinho no núcleo de estágio pois a falta de uma opinião “externa” pode dificultar o processo. Outra preocupação deverá ser o exclusivo acesso interno ao material produzido.

Penso que melhor ou pior o rigor científico ou a beleza do produto final, este deverá ser tornado publico tanto quanto possível, pois pode sempre servir como ferramenta a outros profissionais ou pelo menos para os alunos sentirem a validade do seu trabalho. A interpretação interna deverá também ser uma preocupação quanto pensar que, embora dentro da sala aqueles alunos entendam os sinais que vão deixando em falas e desenhos, nem todos os conhecemos devendo ter como linha orientadora a criação de um fio condutor da história que permita a compreensão de todos.

A imprecisão histórica embora aconteça deverá “obedecer” a uma certa regra, na minha opinião e o que fiz na prática foi tentar que as imprecisões não fossem de grande relevância e que se justificassem no seguimento e decorrer da narrativa, não tendo qualquer influência nos acontecimentos. Advém desta questão outra preocupação, a da aceitação científica. A comunidade científica poderá não ver com bons olhos este tipo de trabalho por várias razões, a razão gráfica não obedecer à realidade, feições, objetos, ambientes.

A comunidade científica poderá ainda verificar erros temporais e de narrativa. Apesar do valor científico ou a falta dele, esta preocupação não me fez prender o trabalho a esse cuidado. Assumi esse risco, sabendo que nem tudo corresponde, mas também nunca assumi que este seria um trabalho que tinha como objetivo ser cientificamente correto a todos os níveis.

A limitação de tempo foi também uma dificuldade, o processo de lecionar uma matéria pode levar a que no final sejam necessárias mais três ou quatro aulas para criar um guião e definir a banda

desenhada o que leva também a uma dificuldade de periodização para cumprir os programas normais em turmas que tenham obrigatoriamente a necessidade de os cumprir.

Por fim, ao longo deste trabalho, a proposta da minha parte seria que a construção deste livro pudesse assentar numa interdisciplinaridade onde as várias áreas de ensino pudessem confluir num objetivo comum com vista a imprimir uma maior responsabilidade e qualidade no trabalho.

Desta forma nas disciplinas de artes visuais, poderiam concretizar o design, na de português poderiam aprender como se constrói um livro e quais as suas características: onde se insere a lombada, para que se serve e como se constrói uma página de rosto, a paginação, agradecimentos, entre outras vertentes e mais disciplinas se poderiam juntar neste trabalho conjunto podendo até fazer outras sugestões que pudessem integrar o livro e aumentar a possibilidade de temas e matérias que nele estão inseridas. No entanto esta proposta não foi muito bem aceite.

Os professores abordados não mostraram grande disponibilidade nem abertura para este trabalho. Analisando os porquês, talvez podemos direcionar essa questão devido ao facto do acumular de trabalho por parte dos docentes não tendo disponibilidade para integrar mais projetos. Uma segunda justificação poderá ser a de não acharem o projeto interessante ou viável, e por fim porque esta proposta, embora abordada várias vezes só foi concretizada a maio do segundo período. Primeiro passamos por uma fase de experimentação para ver se resultava e só depois desejava o envolvimento de outros intervenientes. Talvez e como sugestão um projeto deste tipo possa ser desde início delineado entre todos para um maior envolvimento que na minha ótica, quanto maior o envolvimento das mais diversas áreas do saber mais enriquecedor será o conteúdo do produto final.

8. Conclusão

Como conclusão deste trabalho penso que primeiramente correspondeu ao desejado apesar de várias dificuldades encontradas pelo caminho. Identificar o contexto, analisar as estratégias e implementar o projeto demora algum tempo e tem de ser algo feito com muito cuidado em casos tão específicos como o desta turma.

Penso que este projeto potencia a autonomia curricular e interdisciplinaridade o que no contexto educativo atual é uma premissa em muito desejada pelo ministério e que tentei que o projeto fosse também a esse nível interessante.

A aprendizagem da História de diferentes prismas acontece, uma vez que temos de nos colocar no lugar de todas as personagens para criar um diálogo e entender o que ele está a pensar e a sentir nesse momento. Daí que a empatia histórica também tenha sido trabalhada, penso que existiu uma melhoria geral na concentração e no empenho.

A utilização da Banda Desenhada como recurso no ensino foi um uma idealização que tentei desde o início, mas mais que isso desejava criar o próprio recurso, algo palpável, o que foi atingido com sucesso e uma ferramenta foi criada e pode-se verificar bastante positiva. Esta ferramenta e a forma como a trabalhamos traz imensas vantagens a nível pedagógico, mas parece-me evidente que também a nível social e também pessoal. Numa altura onde os meios digitais fazem parte das nossas vidas como nunca, o rompimento da Banda Desenhada pela sala de aula e a necessidade dos alunos “meterem a mão na massa” não só para contar uma história como também para a desenhar e criar um ambiente educativo diferente. Um diálogo horizontal e um trabalho e respeito entre pares.

Durante esta investigação, e com o grupo de alunos em causa, pretendi também que existisse um desenvolvimento das suas competências sociais. Desta forma, durante as aulas existe sempre uma abertura para o diálogo e para o debate materializando-se uma grande valorização de quem nele participa. Com isto, a defesa de opiniões, concretiza-se, acima de tudo, um ganhar de competências de diálogo e de respeito que serão certamente necessárias durante as suas vidas.

Para além disto existem algumas preparações de temas ou personagens com interesse histórico que estes têm de apresentar individualmente para ir ganhando à vontade para falar para grupos de pessoas. Este trabalho parece-me bastante importante uma vez que falamos de alunos com um discurso e vocabulário muito parco, que falam muito pouco entre si e têm pouco à vontade.

Afastar-nos da realidade média é difícil, por isso o trabalho passa também, e muitas vezes, por ambientes digitais antes de se ir para o papel, daí ser fundamental arranjar as mais variadas estratégias criando oportunidades para valorizar o processo pedagógico e promover os vários níveis de competências. Desta forma, a análise de documentos, o seu tratamento e adequação ao seu trabalho,

é realizar o trabalho histórico, mas de outra forma, onde o envolvimento e trabalho prático são muito maiores que nas aulas mais tradicionais.

O sucesso deste método vem expresso nos questionários onde os alunos respondem que a Banda Desenhada tem validade pedagógica e que com ela melhoraram as suas aprendizagens, as suas capacidades e as suas competências. Também fica esclarecido o seu contributo para o autoconceito académico; capacidade de aprender, iniciativa, autonomia, motivação organização, confianças e relação entre pares no segundo inquérito onde a larga maioria dos alunos afirma ter saído reforçado deste ano. Também o documento do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* foi sempre tido em conta durante todo este processo.

A Banda Desenhada sai reforçada enquanto estratégia válida e o uso da imagem também. Esta imagem quando construída pelos próprios alunos é entendida de outra forma no decorrer do tempo, daí que se note que o seu entendimento sobre a mesma e sobre a matérias estava a ser melhor entendido. As competências foram desenvolvidas e as suas capacidades de aprendizagem melhoradas através deste método. Por fim a criação de algo concreto, foi também atingida. A criação do livro/e-book também acabou por se efetivar.

No entanto, é fundamental não achar que esta estratégia funciona sempre e com qualquer grupo de alunos. Primeiramente, esta estratégia tem aulas em que resulta bem e outras onde não se consegue chegar aos resultados esperados. Em segundo lugar, este trabalho foi pensado e dirigido para uma turma com características muito específicas, discutido com o professor orientador João Santo. É importante não ficar só preso a ela, mas saber que muitas das vezes temos de recorrer a métodos mais tradicionais para conseguirmos chegar aos objetivos definidos, no entanto, no nosso planeamento, sabemos e temos este espaço e liberdade para ir alternando e gerindo o tempo.

O tempo também é uma preocupação que merece ser destacada, uma vez que este trabalho de realização da Banda Desenhada demora muito mais do que uma síntese normal, tal como o teste em duas fases, uma vez que ocupa quase o sobro do tempo de um teste normal.

Por fim, este projeto diferente de aula parece-me muito justo do ponto de vista da promoção da avaliação contínua dos alunos, e não meramente pontual. É visível o seu desenvolvimento (ou não) e isso é um dado bastante importante neste processo.

Com efeito, parece-nos evidente que a desconstrução da História meramente narrada, tem vindo a ser conseguida e que é possível cada um deles entender a História e contá-la das mais variadas formas, tendo como suporte documentos certos.

A análise de resultados do questionário vem comprovar a validade da interrogação central deste relatório, provando que a Banda Desenhada é um instrumento válido no ensino. Estes resultados mostram também que ajudou a melhorar e desenvolver as competências destes alunos o que se

verificou não só nos resultados dos questionários, mas também dos seus resultados em momentos de avaliação e de participação na sala de aula.

No que toca ao autoconceito académico, verificamos também (como refiro anteriormente) que esta estratégia teve sucesso nas suas mais variadas áreas: ao nível da motivação estes alunos tiveram mais gosto e mais interesse pela disciplina para além da sua vontade de participar ter crescido. Ao nível da organização para a tarefa, organizaram melhor o seu estudo e afirmaram também que o seu empenho aumentou. No parâmetro da confiança nas capacidades, participaram mais nas aulas e expuseram as suas opiniões, concretizavam as tarefas com maior sucesso e por fim, no que toca à relação com os colegas, esta apresentou melhorias tanto a nível afetivo como de trabalho, passando assim a turma a funcionar melhor.

Para concluir, e como resposta sobre a validade do projeto ou não, primeiramente quanto aos objetivos específicos, parece-me evidente que a construção de narrativas e à empatia, foi um ponto que se conseguiu atingir e que está expresso nos vários temas que elaboraram e que estão presentes no livro, na minha opinião com muito sucesso e validade. O comportamento e empenho foram também melhorando ao longo do tempo, esta ferramenta fez com que existisse um envolvimento e responsabilidade crescente, para quem conhece esta turma, percebe que para se chegar ao produto final deste trabalho tiveram de existir mudanças a este nível, pois só assim foi possível chegar ao final com sucesso. A validade científica, motivação, responsabilidade e autonomia e por fim a relação entre pares que se verificou que melhora também com esta estratégia.

Desta forma parece-me que a questão sobre a qual se versou este estudo: *A Banda Desenhada, poderá ser uma ferramenta válida para o ensino especialmente em contextos mais desfavorecidos?* é afirmativa. São vários os exemplos que nos confirmam esta minha afirmação, seja pela melhoria nas avaliações na disciplina e o seu entendimento dos conteúdos dados na aula, seja pelos inquéritos apresentados neste trabalho ou seja pelo resultado final do livro. Todas estes sinais nos indicam que esta estratégia resulta positivamente neste contexto.

Referências Bibliográficas

- Amado, J. (coord.) (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. (2.ª ed.) Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Assis, A. (2010). *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução*. Universidade Federal de Goiás.
- Azinheiro, V. L. (2014). *A Utilização da Banda Desenhada nas Aulas de História e Geografia do 3.º Ciclo e do Ensino Secundário*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5779>.
- Barca, I. (2004). Aula Oficina: do projecto à avaliação. In I. Barca (Org.), *Para uma Educação histórica de qualidade: Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. (pp. 131-144). Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Barca, I. (2007). A Educação Histórica numa Sociedade Aberta. *Currículo sem Fronteiras*, 7(1), 5-9. <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/introbarca.htm>.
- Barca, I. (2012). Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. *História Revista*, 17, (1), 37- 51. <https://doi.org/10.5216/hr.v17i1.21683>.

- Barca I., & Gago M. (2004). *Usos da Narrativa em História*. In M.C. Melo & J.M. Lopes (Org.) *Narrativas históricas e ficcionais : recepção e produção para professores e alunos : actas do Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis, 1, Braga, 2004*. (pp. 29-40). Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/653>.
- Bonifácio, S. (2005). *Histórias e(m) quadradinhos: análise sobre a História ensinada na arte sequencial*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. <https://hdl.handle.net/1884/6604>.
- Cainelli, M. (2012). A Escrita da História e os Conteúdos Ensinados na Disciplina de História no Ensino Fundamental. *Educação e Filosofia*, 26(51), 163-184. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v26n51a2012-p163a184>.
- Cainelli, M. & Tomazini, E. (2017). A aula-oficina como campo metodológico para a formação de professores em História: um estudo sobre PIBID/História/UEL1. *História & Ensino*, 23(2), 11-33. <http://dx.doi.org/10.5433/2238-3018.2017v23n2p11>.
- Cardoso, T. & Solé, M. (2017). A Banda Desenhada Histórica como recurso e fonte historiográfica para o Ensino e Aprendizagem da História: Um estudo com alunos 1.º ciclo do Ensino Básico. In C. P. Ribeiro; H. Vieira; I. Barca et al. *Epistemologias e Ensino da História (XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)* (pp.395-410). CITCEM. <http://hdl.handle.net/1822/53192>.
- Cardoso, T. & Solé, M. (2018). *A banda desenhada histórica como um recurso pedagógico no ensino da História*. *Antíteses*, 11(22). <http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2018v11n22p635>.
- Delores, J. (2005). *Educação, um tesouro a descobrir, relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. (9.ª Ed.). Asa Editores.

- Dias, L. (2014). *A Metodologia da Aula-Oficina no Ensino da História e da Geografia* [Dissertação de Mestrado, FCSH UNL]. <http://hdl.handle.net/10362/15784>.
- Duncum, P. (2009). International Dialogues about visual Culture, Education and Art: A review essay. *International Journal of Education & Arts*, 10. <http://www.ijea.org/v10r1/>.
- Faria, L. (1998). *Desenvolvimento diferencial nas concepções pessoais de inteligência durante a adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Fronza, M. (2012). *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. [Tese Doutorado, Universidade Federal do Paraná] . <https://hdl.handle.net/1884/28235>.
- Gevaerd, R. T. F. (2009). Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. *História Revista*, 14(1), 315-318. <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/8199>.
- Leal, L. (1992). *Avaliação da aprendizagem num contexto de inovação curricular*. [Dissertação de mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Lee, P. (2001). Progressão da compreensão dos alunos em História. In: Barca, I. (Org.). *Perspectivas em Educação Histórica: actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, 1, Braga, 2001*. (pp. 13-27). Universidade do Minho.
- Lee, P. (2006). Em direção a um conceito de literacia histórica. *Educar em Revista*, n.º esp., 1-14. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.403>.
- Martins G.O.M. (Coord.) (2017). *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/

[perfil_dos_alunos.pdf?%20fbclid=IwAR3Xqs4isozujwK2FVbjWHKrgH44W5GQTEehkcZkf9-voNEtiGCzbYP5DMA.](http://www.uceditora.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_uce.asp?SSPAGEID=3005&lang=1&artigoID=4799)

- Machado, J. & Alves J. (2018) (Org.). *Conhecimento e ação – Transformar contextos e processos educativos*. Universidade Católica do Porto. http://www.uceditora.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_uce.asp?SSPAGEID=3005&lang=1&artigoID=4799.
- Monteiro, M. (2010). *O teste em duas fases e o relatório escrito na avaliação das aprendizagens em Ciências Naturais 3º Ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta]. <http://hdl.handle.net/10400.2/1713>.
- Morales Moya, A. (1995). Paul Ricouer y la Narración Histórica. In C. Barros. (Ed.), *A História a Debate*. (Tomo III, pp. 183-193). Gráficas Sementeiras.
- Mota, A. (2012). *A banda desenhada como representação gráfica-verbal na aprendizagem de História e Geografia*. [Relatório de Estágio, Universidade do Minho]. <http://hdl.handle.net/1822/29172>.
- Nunes, C. (2004). *A avaliação como regulação do processo de ensino-aprendizagem da Matemática: um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Parente, R. (2004). *A narrativa na aula de história: um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. <http://hdl.handle.net/1822/702>.
- Pereira, M. (2013). *A banda desenhada como recurso didático para desenvolver a compreensão leitora e a expressão escrita, na aula de língua*. [Relatório de Estágio, Universidade do Minho]. <http://hdl.handle.net/1822/28982>.

- Pestana, M., Trindade, S., & Moreira, J. (2020). Desenhando novas realidades didáticas com o poder motivacional dos aplicativos digitais no ensino da História. *Acta Scientiarum Education*, 42 (1), e52049. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.52049>.
- Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Universidade Aberta.
- Rego, J. (2004). Çufo ou A Aventura de um Nome. In M.C. Melo & J.M. Lopes (Org). *Narrativas históricas e ficcionais : recepção e produção para professores e alunos : actas do 1.º Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis*. (pp 41-57). Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Sá, C. (2000). Ler e Escrever com a Banda Desenhada. *Millenium: Journal of education Technologies and Health*, 19, 127-135. https://www.researchgate.net/publication/277054272_Ler_e_Escrever_com_a_Banda_Desenhada
- Sá, C. (2000). Sobre o papel da banda desenhada no desenvolvimento da competência de Leitura. In *Actas do V Congresso Internacional de Didática da Língua e da Literatura*. (Vol 1, pp. 439-448). Livraria Almedina/Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras de Coimbra.
- Serra, A. (2016). *A utilização da Banda Desenhada no ensino da História e Geografia de Portugal*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal]. <http://hdl.handle.net/10400.26/17043>.
- Silva, M. & Malheiro, R. (2006). A banda desenhada portuguesa: autores, temas e tendências. *Boletín Galego de Literatura*, 35, 155-178. <http://hdl.handle.net/10347/2118>

- Solé, G. (2011). A banda desenhada histórica como recurso didático-pedagógico para a construção de conhecimento histórico dos alunos no 1º CEB. In: F. Azevedo, A. Mesquita, Â. Balça, S. Silva (Coord.). *Globalização na literatura infantil: vozes, rostos e imagens*. (355-389). Lulu Entreprises. <http://hdl.handle.net/1822/18303>.
- Venâncio, F. (2016). *Utilização da Banda Desenhada no Ensino de Português língua estrangeira*. [Dissertação de Mestrado, FCSH-UNL]. <http://hdl.handle.net/10362/19820>.
- Vergueiro, W. (2004). Uso das HQs no Ensino. In A. Rama, W. Vergueiro, A. B, P. Ramos, & T. Vilela (Coords.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. Editora Contexto.
- Villanueva, J. (2000). *El cómic como recurso en la clase de español*. In Embajada de España en Brasil (Org.) *Actas del VIII Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español a Lusohablantes*. (pp. 44-48). Embajada de España en Brasil.
- Waetjen, W. (1972). Self-concept as a learner scale. In M. Argyle, & V. Lee (Eds.) *Social Relationships*. Grosvenor Press.
- World Economic Forum. (2015). *New vision for education: unloking the potencial of technology*. World Economic Forum. <https://widgets.weforum.org/nve-2015/>.
- Zink, R. (1999). *Literatura Gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*. Celta Editora.

Anexos

Anexo I – Plano Individual de Formação

Plano Individual de Formação:

Docente: Sara Dias Trindade

Discente: Daniel dos Reis Nunes

A aprendizagem como ferramenta de construção de um indivíduo, num tempo e um espaço partilhado com outros foi, é e será motivo de pesquisa e de trabalho ao da minha vida tanto académica como profissional.

As dúvidas quanto à forma, ao conteúdo e se estamos nós estudantes em formação preparados para este desafio são uma constante que no inquieta, mas é exatamente no momento de dúvida que urge a necessidade de certezas fortes que nos façam construir algo diferente e melhor para a formação daqueles que nos são confiados. Chegado a este ano de estágio agarro-me às certezas do percurso que trilhei, da formação que recebi e da experiência profissional que nas mais diversas áreas e aos mais diferentes níveis fui construindo tentando desta forma responder às exigências constantes e responsabilidade de lidar com a formação de jovens sabendo da importância decisiva que a sua formação terá no seu futuro, impondo-nos níveis de trabalho, dedicação e intervenção bastante elevados.

Neste momento em que nos encontramos sendo formados e formadores ao mesmo tempo é nesta posição dialética que surge a oportunidade de experimentar novas técnicas e métodos existindo sempre uma rede de suporte que não nos deixa caminhar ou cair em erros que possam ser prejudiciais.

Nessa medida o meu Plano Individual de Formação tem como principal intuito expor as atividades que desenvolverei ou terei alguma intervenção, participação, apresentando-as como ferramentas para o resultado final desta formação e na obtenção positiva como docente de História.

Durante o presente ano letivo constará também o meu relatório de estágio que será esclarecedor relativamente a esta experiência, ao meu trabalho, investigação e projeto no contexto e na comunidade escolar. Desta forma o tema por mim escolhido é: A Arte como veículo para o ensino em contextos sociais e económicos desfavoráveis.

Desta forma na minha ação pedagógica irei realizar as seguintes atividades:

- Exercer funções de docente nas turmas: 9Z, 10Y, 11Z;
- Assistir a todas as aulas do meu orientador nas turmas referidas acima;
- Assistir a aulas do 5º e 6º ano de modo a solidificar práticas pedagógicas;
- Planificar e lecionar os tempos letivos previstos exigidos pelo Plano Anual Geral de Formação (32 tempos de 50 minutos), e demais tempos propostos pelo professor orientados;
- Elaborar matrizes, teste e respetivos critérios de avaliação;
- Fazer avaliação formativa;
- Corrigir Testes;
- Utilizar os recursos que considere pertinentes, no âmbito da sala de aula, com a finalidade de promover uma aprendizagem dinâmica e eficaz;
- Explorar o potencial bibliográfico da Escola;
- Aliar sempre que possível a arte e peças artísticas resultantes da matéria lecionada;
- Desenvolver projetos artísticos como ferramenta de consolidação da matéria e de construção de narrativas;
- Elaborar um livro de banda desenhada que remeta para as matérias dadas ao longo do ano com a turma de 9º ano que sirva de acompanhamento ao manual;
- Participação em concursos para os alunos da Câmara Municipal com vista a uma aproximação à comunidade;
- Didatizar o tema escolhido e aplicá-lo na comunidade escolar;
- Organização e participação cativa nas visitas de estudos programadas pelo Departamento de Ciências Humanas e Sociais;
- Participação nas Atividades do Departamento;
- Contribuir ativamente para no Plano Anual de Atividades;

- Participar como observador em algumas reuniões solicitadas pelo orientador e direção;
- Integrar o dispositivo de autoavaliação da escola;
- Aprender competências de direção de turma e dar apoio a essa função;
- Trabalhar competências junto de Alunos com Necessidades Educativas Especiais;
- Participar nas equipas pedagógicas do corrente ano;
- Construção de Materiais Didáticos;
- Programar em coadjuvância aulas com outros professores de História do Agrupamento em que estou inserido.

No âmbito da minha ação pessoal irei:

- Educar para o ser, saber estar e saber fazer;
- Ajudar os alunos a prepararem-se para a vida em sociedade, utilizando a sala de aula como espaço de reflexão para o mundo onde hoje nos inserimos;
- Organizar conferências e debates;
- Organizar um ciclo de cinema;
- Nutrindo o meu projeto uma enorme preocupação pelo meio artístico e cultural tentarei consciencializar os alunos para a importância da apresentação cultural e artística da comunidade onde de inserem;
- Sensibilizar os alunos para questões de património;
- Promover a explanação de horizontes culturais através do paralelismo entre várias épocas histórias e que hoje influenciam vários artistas contemporâneos;

Participar e organizar a Visitas de Estudo tendo neste momento programadas (Madrid, Arouca e Forte de Peniche)

Anexo II – Planificação de aula

Escola: Escola Básica 2, 3 com Secundário José Falcão	Domínio: Da Grande Depressão à 2ª Guerra Mundial	Aula nº:	Sumário: Sumário: A vida nos campos de concentração nazi.
Professor (estagiário): Daniel Nunes	Unidade: Crise, ditaduras e democracia na década de 1930	Data: 04.02.20	Conceitos: Antissemitismo; Genocídio; Holocausto;
Turma: 9º E	Subunidade:		

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender a forma de funcionamento dos campos de concentração; Analisar as oportunidades de sobrevivência nos pequenos detalhes do dia-a-dia.	1. A vida nos campos de concentração: incorporação; geografia, alimentação, experiências médicas, episódios de resistência. 2. Os campos de extermínio.	1. Leitura de trechos do livro “A Noite” para promover a concentração dos alunos; 2. Exposição da matéria através de powerpoint com imagens e vídeo; 3. Redação de uma carta ao autor do livro relatando o que sabem sobre os campos e qual a sua sensibilidade sobre o tema.	Livro “A noite” Elie Wiesel Computador. Projetor. Ficha de leitura Powerpoint	1 - Observação direta; 2 - Analisar a capacidade de compreensão e sensibilidade humana e social sobre o tema. 3 - Elaboração de uma carta dirigida ao autor do livro que tem sido lido ao longo das aulas. 4 - Participação no desenvolvimento da banda desenhada com síntese da matéria.

Nota: Esta planificação tem em conta as aprendizagens essenciais bem como a articulação com o perfil dos alunos, nomeadamente, entre outros, a mobilização de conceitos essenciais aos conteúdos, como sejam o Nazismo, Totalitarismo e Antissemitismo; a promoção da criatividade estimulando o uso de diversos meios para expressar as aprendizagens; a promoção de uma atitude de Indagador/Investigador, e recolha e análise de fontes históricas, tendo como referência a leitura de excertos do livro “A Noite”; o uso de estratégias de elaboração de sínteses e identificação e aplicação de conceitos, com o trabalho de escrita de uma carta.

Anexo III – Questionário 1

 <p>REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO</p>	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO</p> <p>ANO LETIVO 2019/2020</p> <p>ESCOLA SEDE – ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA JOSÉ FALCÃO</p>	 <p>Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo</p>
--	---	--

1. Lês livros com que regularidade?
2. Achas Banda Desenhada é uma forma de leitura para crianças ou para o público em geral?
3. A Banda Desenhada é um instrumento bom para ser usado nas aulas ou deve ficar no campo do entretenimento?
4. Quantos livros de Banda Desenhada já leste?
5. Já leste alguma coleção de Banda Desenhada inteira?
6. Existe algum livro de Banda Desenhada na biblioteca da escola?
7. Já requisitaste algum livro na biblioteca da escola?
8. Algum deles foi de banda desenhada?
9. Achas que usar a Banda Desenhada como forma de aprendizagem tem sido bom para o teu desempenho?
10. Com a ajuda da Banda Desenhada aprendes melhor as matérias?
11. Achas que o uso da Banda Desenhada poderia ser uma técnica aplicada a outras disciplinas?
12. Preferes as aulas expositivas tradicionais ou da forma como trabalhamos na disciplina de História?
13. Alguma sugestão para melhorar o funcionamento da aula?

Anexo IV – A maquete do livro



“

A História por nós contada

Desenhos: Vladimiro Vale
Paginação: Ricardo Vicetro

Autoria: João
Gonçalo
Leandro
Nadu
Pedro
Rodrigo
Valentino
André
Dinis
Igor

Projecto:
Daniel dos Reis Nunes

Orientação:
Professor João Santo e Professora Sara Trindade

2020
Escola José Falcão - Miranda do Corvo

A Banda Desenhada demonstra a sua importância no ensino de várias formas, sendo que uma delas é a de facilitar a aprendizagem a alunos com dificuldades. Desta forma e ao longo de meses, esta turma elaborava guiões para a criação de um livro de Banda Desenhada que construíram no final de cada matéria. Este trabalho não foi apenas um trabalho de aprendizagem de conteúdos, mas um trabalho social, num contexto mais difícil que o normal, mas que resultou num aumento da auto-estima, bom comportamento, responsabilidade e maturidade dos discentes envolvidos.

Embora interrompido devido à pandemia que nos assolou, este é o livro com as matérias possíveis. Um livro que pode ser usado como recurso por outros professores, por encarregados de educação ou por simples curiosos uma vez que se provou que esta forma de leitura ajuda na compreensão histórica e que regista alguma validade científica.

”

“

ÍNDICE

Primeira Guerra Mundial	6
Revolução Soviética	12
Primeira República	16
O Horror do Nazismo	20
O Estado Novo e a Resistência	23

”

A Primeira Guerra Mundial





A Revolução Soviética





A Primeira República





O Horror do Nazismo





O Estado Novo e a Resistência





A Noite Mais Escura





Resta-nos para concluir este livro, agradecer a duas pessoas que o tornaram possível de forma muito mais qualificada e bonita do que conseguimos fazer. Sem nos conhecerem abraçaram este projecto como deles e abdicaram do seu tempo para nos ajudar. Desta forma, gostaríamos de agradecer ao Vladimiro, por nos ter emprestado a sua caneta e ter tido todo este trabalho de passar os nossos desenhos a um traço bem mais bonito e cuidado. Gostaríamos também de agradecer ao Ricardo Vicetro pelo seu empenho e por ter colocado o seu rato de computador ao nosso dispor construindo este livro. Certos de que não vamos esquecer este trabalho que fizemos, temos a certeza também que não nos esqueceremos de vós. Um abraço forte.

Este livro é resultado do projecto de Mestrado em Educação de Daniel dos Reis Nunes, aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Este objecto, físico e digital teve como objectivo demonstrar a capacidade de diversas formas de arte como veículo para o ensino em contextos sociais e económicos desfavoráveis. Para além desta criação, este livro trouxe a estes alunos novas formas de aprendizagem de conteúdos mas também demonstrou a sua validade social desta turma e a capacidade de construir um recurso público a quem desejar aprender com o trabalho destes alunos. Esperando que seja útil a todos os que tenham a oportunidade de folhear estas páginas.

Anexo V – Questionário 2

Questionário

O presente questionário tem como objetivo recolher informações quando ao sucesso da estratégia pedagógica utilizada durante o ano de estágio no mestrado de Educação em História. Pretendendo desta forma entender em que ponto a estratégia delineada atingiu ou não os objetivos pretendidos.

A. Dados pessoais:

A.1. Idade: ____ anos

A.2. Sexo: F M

QUESTÕES:

1. Tendo em conta a estratégia de uso e construção de Bandas Desenhadas responde às questões abaixo mencionadas:

a) A criação de Bandas desenhadas melhorou a tua **capacidade para aprender?** (por exemplo, aprendeste alguma coisa enquanto ajudavas a preparar a BD? De que forma? Achas que este trabalho facilitou a tua aprendizagem na disciplina de história? Porquê? Conseguiu perceber qual a informação mais importante entre as matérias lecionadas para colocar na BD?)

b) Foi positiva a **iniciativa** na escolha das temas, assuntos e matérias a abordar ser feita não só pelos professores, mas também por ti e pelos teus colegas? (por exemplo, conseguiste perceber como podes utilizar os conhecimentos das aulas para melhorar as tuas aprendizagens? A organização do projeto ajudou-te a ter mais à-vontade para colocar questões sobre os temas abordados nas aulas e a contribuir para o trabalho do grupo?)

c) Sentes agora uma maior **autonomia** de trabalho nas aulas de História? (por exemplo, tiveste interesse em procurar saber mais sobre as temáticas aprendidas nas aulas? De

que forma? Vais estudar História de uma forma diferente no futuro? Fazer uma Banda Desenhada motivou-te a aprender mais sobre História?)

2. Refere a tua opinião relativamente à importância da estratégia das Bandas Desenhadas:

a) Sentiste maior **motivação** com o uso de Bandas Desenhadas para aprendizagem da matéria? (por exemplo, sentes agora mais gosto e interesse pelas atividades das aulas de História e por participar nas aulas)

b) **Orientação para a Tarefa** (por exemplo, a criação de Bandas Desenhadas ajudou-te a organizar o estudo e a empenhares-te em fazer bem as atividades pedidas)

c) **Confiança nas Capacidades** (por exemplo, durante a criação de Bandas Desenhadas expuseste as tuas opiniões sem receio, sentes-te agora mais capaz de concretizar com sucesso as tarefas pedidas nas aulas de História e até mesmo de ajudar os teus colegas)

d) **Relação com os Colegas** (por exemplo, a criação de Bandas Desenhadas permitiu uma melhor ligação afetiva e de trabalho entre ti e os teus colegas, achas que a turma funcionou melhor como um grupo nas aulas de História)
